

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
COLEGIADO DO MESTRADO EM HISTÓRIA PÚBLICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

TAINÁ LANG DA SILVA

**VIVÊNCIAS TEUTO – BRASILEIRAS NA COMUNIDADE DO LAGE-
ADO NA CIDADE DE MAMBORÊ – PR.**

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

TAINÁ LANG DA SILVA

**VIVÊNCIAS TEUTO – BRASILEIRAS NA COMUNIDADE DO LAGE-
ADO NA CIDADE DE MAMBORÊ – PR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Memórias e Espaços de formação

Área de Concentração: História Pública

Orientador(a): Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LANG DA SILVA, TAINÁ

Vivências teuto - brasileiras na comunidade do Lageado na cidade de Mamborê - PR. / TAINÁ LANG DA SILVA. -- Campo Mourão-PR, 2024.

92 f.

Orientador: BRUNO FLÁVIO LONTRA FAGUNDES.

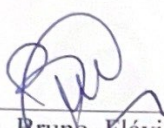
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. História Pública. 2. Paraná. 3. Mamborê. 4. Lageado. 5. Imigração. I - FLÁVIO LONTRA FAGUNDES, BRUNO (orient). II - Título.


TAINÁ LANG DA SILVA

VIVÊNCIAS TEUTO-BRASILEIRAS NA COMUNIDADE DO LAGEADO EM
MAMBORÊ – PR

BANCA EXAMINADORA



Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes (orientador) – Programa de Pós-Graduação em
História Pública/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Jorge Pagliarini Junior – Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Marcos Eduardo Meinerz – Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Data de Aprovação

25/03/2024

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa para aqueles que sempre estiveram comigo e nunca me desampararam, a minha família: mãe, pai, irmãs, vó, vô e noivo. Em especial, à comunidade mamboreense e aos moradores do Lageado.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço aos meus pais, Simone de Paula Lang da Silva e Arineu Cardoso da Silva, que sempre buscaram e possibilitaram uma boa educação ao longo da minha vida, sempre me incentivando a estudar, almejar e alcançar os meus sonhos e objetivos. Vocês me ensinaram a dar o meu melhor em tudo que faço, e que com esforço e trabalho, chegaremos ao destino, isso tudo é possível, devido à vocês.

Minhas queridas irmãs, Alice Lang da Silva e Julia Lang da Silva, que em sua mais genuína e linda forma de amor, estiveram sempre ao meu lado, demonstrando o nosso companheirismo. Meus avós, Venilda Lopes de Paula Lang e Mariano Lang, vocês me ensinaram valores que jamais esquecerei, tenho muito amor para retribuir tudo aquilo que fizeram por mim.

Ao meu companheiro, meu noivo, Paulo César Savariz Filho, que ao longo desses nossos 9 anos, tem me dado apoio, força, coragem, paciência e esperança, sempre me amparando em todos os momentos e crises da vida acadêmica, não medindo esforços para me fazer sorrir.

Ao meu professor e orientador, Bruno Flávio Lontra Fagundes, que confiou e acreditou na minha pesquisa e no meu desempenho, cujas orientações colaboraram para o meu amadurecimento pessoal e acadêmico, estando sempre presente na pesquisa e não medindo esforços para proporcionar novas experiências. Um simples e singelo obrigado seria pouco para estimar o agradecimento que sinto pela nossa parceria. Professor, admiro e me encanto, pela sua paciência, conhecimento, dedicação e atenção, você é um exemplo de profissional, torço para que novas parcerias aconteçam para nós dois.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, que possibilitou a realização desta pesquisa, assim como, à todos os professores e professoras das disciplinas do programa que de forma genuína acrescentaram na minha pesquisa, novos questionamentos, visões e possibilidades.

Aos secretários do departamento, que sempre atenderam gentilmente às dúvidas e às solicitações em relação às demandas do mestrado.

Aos membros da banca examinadora, Professor Dr. Jorge Pagliarini Junior e Professor Dr. Marcos Eduardo Meinerz, que gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação.

A toda a sociedade Mamboreense e aos moradores da comunidade do Lageado, àqueles que auxiliaram na partilha de suas memórias, em sua difusão e divulgação da pesquisa, em especial, aos entrevistados que fizeram com que essa pesquisa acontecesse.

Por fim, e não menos importante, agradeço à DEUS, a maior fonte de força, amor e coragem, Sua presença em minha vida me ajudou a superar as dificuldades e a encontrar o caminho certo para alcançar meus objetivos. Obrigada por trilhar meu caminho em direção ao sucesso!

“Ajuda-me, Dai-me força, coragem e serenidade. Atenda meu pedido.”

RESUMO

DA SILVA, Tainá Lang. **Vivências teuto- brasileiras na comunidade do Lageado em Mamborê – PR.** 92 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

Inserida na linha de pesquisa “Memórias e Espaços de formação”, a presente pesquisa busca escutar as memórias dos moradores da comunidade do Lageado na cidade de Mamborê – PR, com memórias compartilhadas em entrevistas e fotografias, visando estudar motivos dos deslocamentos, as relações dos imigrantes com habitantes nativos e as manifestações culturais, religiosas e econômicas da população que instalou no local uma colônia. O objetivo é explicitar o que motivou os migrantes alemães a virem para esse determinado lugar, formando a comunidade do Lageado e como as suas tradições culturais, religiosas e econômicas permaneceram na sociedade e influenciaram os demais moradores, construindo um local de convivência e transmissão de saberes e conhecimento. Em Mamborê, os migrantes começaram a surgir em 1952, em busca de terras férteis para o plantio, antes mesmo da municipalização da cidade, o que aconteceu no ano de 1961. Ao longo da pesquisa e das entrevistas com esses moradores, tanto da comunidade quanto da cidade de Mamborê, procuramos entender como os encontros foram se construindo, as chegadas e as permanências, conflitos e combinações, entre moradores locais e migrantes: não houve desconfiança de ambas as partes? Medo? Ambos os lados se aceitaram harmoniosamente de imediato? A partir de fotografias, trago análises que retratam o desenvolvimento econômico, cultural e religioso da comunidade do Lageado. A história oral é fundamental nesse momento para que os migrantes alemães de Lageado e os moradores de Mamborê tenham a sua própria história sobre esse momento. O objetivo final de realização da pesquisa é construir uma rota turística, abordando os espaços de vivência da comunidade, uma vez que os pontos turísticos são importantes para seus habitantes, visando a economia, desenvolvimento e relações. Essa rota turística é destinada aos moradores e ex-moradores da comunidade, assim como o público que está “fora” do espaço.

Palavras-chave: História Pública; História do Paraná; Migração Alemã; Mamborê.

ABSTRACT

DA SILVA, Tainá Lang. **German-Brazilian experiences in the Lageado community in Mamborê – PR**. 92 f. Dissertation. Graduate Program in Public History – Master's. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2024.

Inserted in the line of research “Memories and Training Spaces”, this research seeks to listen to the memories of residents of the Lageado community in the city of Mamborê – PR, with memories shared in interviews and photographs, aiming to study reasons for displacement, the relations between immigrants and native inhabitants and the cultural, religious and economic manifestations of the population that established a colony there. The objective is to explain what motivated German migrants to come to this particular place, forming the Lageado community and how their cultural, religious and economic traditions remained in society and influenced the other residents, building a place of coexistence and transmission of knowledge and knowledge. In Mamborê, migrants began to appear in 1952, in search of fertile land for planting, even before the municipalization of the city, which happened in 1961. Throughout the research and interviews with these residents, both from the community and from the city of Mamborê, we sought to understand how encounters were constructed, arrivals and stays, conflicts and combinations, between local residents and migrants: was there no distrust on both sides? Fear? Did both sides accept each other harmoniously right away? Using photographs, I bring analyzes that portray the economic, cultural and religious development of the Lageado community. Oral history is fundamental at this moment so that the German migrants from Lageado and the residents of Mamborê have their own story about this moment. The final objective of carrying out the research is to build a tourist route, addressing the community's living spaces, since tourist attractions are important for its inhabitants, aiming at the economy, development and relationships. This tourist route is aimed at residents and former residents of the community, as well as the public who are “outside” the space.

Keywords: Public History; History of Paraná; German migration; Mamborê.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: As ruas da comunidade.....	30
FIGURA 2: Os espaços de vivências da comunidade.	31
FIGURA 3: Apresentação da pesquisa no Facebook.	35
FIGURA 4: Jornal Informativo e a comunidade do Lageado.	41
FIGURA 5: Jornal Informativo e a comunidade do Lageado.	42
FIGURA 6: Mapa de localização da cidade de Mamborê no Paraná.....	46
FIGURA 7: Mapa das comunidades da cidade de Mamborê.	47
FIGURA 8: Reunião na Igreja Luterana.....	52
FIGURA 9: Primeira Igreja Luterana da Comunidade do Lageado.....	53
FIGURA 10: Primeiro cemitério da comunidade do Lageado.	54
FIGURA 11: A solidão em um local deixado de lado.....	54
FIGURA 12: Segunda Igreja Luterana da Comunidade do Lageado.....	55
FIGURA 13: Igreja Luterana da Comunidade do Lageado com mudanças estéticas	55
FIGURA 14: Igreja Luterana nos dias atuais.	56
FIGURA 15: Igreja Católica na comunidade do Lageado	57
FIGURA 16: Igreja Católica atualmente em Lageado.	58
FIGURA 17: Tafonas (Fábricas de farinha de mandioca).....	59
FIGURA 18: Caminhão transportando madeira extraída pelos trabalhadores da serraria.	60
FIGURA 19: Família Appelt Anhaia em sua propriedade localizada no Lageado.	63
FIGURA 20: Família Appelt Anhaia com suas criações de suínos localizada no Lageado.....	63
FIGURA 21: Escola rural da comunidade do Lageado.....	65
FIGURA 22: Escola rural abandonada.	66
FIGURA 23: Escola rural abandonada.	66
FIGURA 24: Festa da Costela - 2022.....	70
FIGURA 25: Festa da Costela - 2022.....	70
FIGURA 26: Festa da Costela - 2022.....	70
FIGURA 27: Baile do Chopp de 2013.	71
FIGURA 28: Baile do Chopp de 2019.	71
FIGURA 29: O atual Clube 7 de setembro abandonado	73
FIGURA 30: O atual Clube 7 de setembro, abandonado.	73
FIGURA 31: O atual Clube 7 de setembro abandonado, imagem interna	74
FIGURA 32: Esboço de uma primeira ideia de rota turística.	76

FIGURA 33: QR Code de acesso à rota turística.	78
FIGURA 34: Publicação 2- Igreja Luterana.....	89
FIGURA 35: Publicação 3 - Escola rural em momento cívico.	90
FIGURA 36: Publicação 4 - Tafona e Serraria.....	90
FIGURA 37: Publicação 5 - Clube 7 de setembro.	91
FIGURA 38: Publicação 5 - Clube 7 de setembro.	91
FIGURA 39: Publicação 5 – Equipamento usado para boliche.	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Entrevistados e sua relação.	16
QUADRO 2: Relação de publicações no Facebook.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA PÚBLICA	21
1.1 A HISTÓRIA PÚBLICA E A SUA RELAÇÃO COM OS MIGRANTES ALEMÃES FUNDADORES DA COMUNIDADE DO LAGEADO NO PARANÁ.	22
1.2 A REDE SOCIAL FACEBOOK E A IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA.	32
CAPÍTULO 2: ALEMÃES NO BRASIL, NO PARANÁ E A SUA VINDA PARA MAMBORÊ – PR.	37
2.1 AS LACUNAS NA HISTORIOGRAFIA EXISTENTE ACERCA DA COMUNIDADE DO LAGEADO	48
CAPÍTULO 3: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE DO LAGEADO.	51
3.1 IGREJAS E A RELIGIÃO	52
3.2 A ECONOMIA DO LAGEADO: TAFONA, SERRARIA E FAZENDAS.	59
3.3 ESCOLAS RURAIS.....	64
CAPÍTULO 4: ROTA TURÍSTICA	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
CAPÍTULO 5: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	88
ANEXO A: PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES DA COMUNIDADE DO LAGEADO E DA CIDADE DE MAMBORÊ. 	88
ANEXO B: FOTOGRAFIAS E PUBLICAÇÕES NA REDE SOCIAL FACEBOOK.	89

INTRODUÇÃO

VIVÊNCIAS TEUTO – BRASILEIRAS NA COMUNIDADE DO LAGEADO NA CIDADE DE MAMBORÊ – PR.

Nesse primeiro momento, de forma mais resumida, buscaremos explicitar os objetivos que a pesquisa carrega, sendo eles: entender o que motivou os migrantes alemães a virem para esse determinado lugar, formando a comunidade do Lageado - que está localizada na cidade de Mamborê, no estado do Paraná - assim como pensar o motivo pelo qual as tradições culturais, religiosas e econômicas dos migrantes permaneceram, se adaptaram e sofreram mutações na sociedade, mudanças acontecidas devido ao contato com diferentes culturas e tradições já existentes, e como, de alguma forma, fizeram parte da vida dos demais moradores da cidade de Mamborê.

Ao longo do texto, poderá ser observado que a palavra *migrante* será muito usada, e em alguns momentos o termo *imigrante* também irá aparecer. Buscamos expor de uma maneira mais simples, para que o leitor possa entender, a escolha dessas palavras e o significado que elas terão em cada local.

Migrante está sendo usado e assumindo o seguinte significado: quando alguém se muda para uma nova região, não sendo necessário a ida para terras estrangeiras e/ou países estrangeiros. Dentro da pesquisa, esse termo será usado para falar dos descendentes de alemães que saíram da região do Rio Grande do Sul e se encaminharam até a região do Paraná, formando a comunidade do Lageado, ou seja, eles *migraram* de uma região para a outra, sem, necessariamente, saírem de um país e ir para outro estrangeiro. Basicamente, são as mudanças que acontecem dentro do território de um mesmo país, essa foi a mudança ocorrida com os migrantes pesquisados: eles se deslocaram da região do Rio Grande do Sul para o estado do Paraná.

Segundo Ravestein (1980), a migração é fruto de movimento de atração e de expulsão. A atração acontece em função das condições econômicas, sociais e políticas de um espaço por atrair a população, e essa atração pode ser vista em forma de oportunidades econômicas, de trabalho, disponibilidade de terras. E o movimento de expulsão pode vir do excedente de mão de obra e das faltas de oportunidades de trabalho.

Imigrante: esse termo irá aparecer ao longo do texto e em citações, mas em quantidade menor referente ao termo “migrante” citado anteriormente. Segundo Sikora (2014), a imigração é um fenômeno presente no mundo desde os séculos remotos, constituindo-se pela mobilidade

humana universal que ocorreu, e ocorre, por diversos motivos, podendo ser: políticos, econômicos, religiosos e culturais, entre outros. Quando essa palavra surgir, ela estará relacionada ao seguinte significado: o processo de entrada de um indivíduo em um território que não seja o de origem, ou seja, *quando determinada pessoa sai de seu país de ascendência e se encaminha para um país estrangeiro*, independentemente da causa dessa mudança, podendo ser: em busca de trabalho, melhor colocação profissional, melhores condições de vida, desastres naturais, situações climáticas extremas ou crises políticas e socioeconômicas.

Em específico, o termo “imigrante” irá aparecer nessa pesquisa nos momentos em que falo dos alemães que saíram de seu país de origem (Alemanha) e se encaminharam para um país estrangeiro, no nosso caso o Brasil.

Não menos importante, é preciso fazer uma última contextualização referente ao título da pesquisa: “*Vivências teuto – brasileiras* na comunidade do Lageado na cidade de Mamborê – PR.” Os termos *Vivências e Teuto – brasileiras* assumem grande importância e características específicas dentro da pesquisa e, sendo assim, a palavra “vivências”, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, tem os seguintes significados: 1. O fato de ter vida, de viver; existência. 2. Algum fato ou situação pelas quais se passou e dos quais se tirou algum conhecimento; experiência. 3. Tudo aquilo que se viveu, que faz parte da vida de uma pessoa. 4. Manifestação de vida. E é exatamente isso que a palavra “vivência” apresenta dentro da pesquisa. Aqui, busco entender as relações de convivência, experiência e existência entre os moradores da cidade de Mamborê e da comunidade do Lageado, ou seja, são os processos de vivências, as relações. E, para além do significado do dicionário, a “vivência” também está aqui relacionada aos processos de construção de uma relação que pode vir a ser turbulenta e não só pacífica.

O termo *Teuto – brasileiras* é a designação que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que ocuparam espaços dentro do território brasileiro, sobretudo nos Estados do Sul (VOIGT, 2008). Ou seja, é relativo à Alemanha e ao Brasil.

O pesquisador Rambo (1999) explica o termo “teuto-brasileiro” da seguinte maneira: a palavra “teuto” é usada para se relacionar a pessoa que vivia de acordo com os costumes, hábitos, valores e falava a mesma língua de seus antepassados, no caso os alemães. Já o termo “brasileiro” é usado devido aos mesmos indivíduos terem nascidos em território brasileiro, sendo registrados e assumidos a lei como um brasileiro. E, mais uma vez, Voigt (2008)¹ vai nos pontuar que o termo “teuto-brasileiro” é a designação que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que estiveram, principalmente, na região Sul do país. O intuito de usar

¹ Texto “A Invenção do Teuto – Brasileiro” do autor André Fabiano Voigt está disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91324/246616.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

esse termo dentro da pesquisa é o de expor que ambas as culturas foram correlacionadas e que são importantes, de maneira igual dentro do espaço estudado.

Para melhor organização do leitor, eis aqui a distribuição do texto para melhor entendimento, observação e compreensão: Em um primeiro momento será realizada uma explanação acerca da História Pública, sua importância na elaboração da pesquisa e a definição da mesma que será usada no presente trabalho, e após isso parto para a historiografia existente acerca do tema estudado - sabemos que a História do Paraná e o processo de imigração dos alemães para o Brasil é um tema vasto e com muitos estudos com aprofundamentos temáticos, teóricos e metodológicos que expõem várias questões em que se baseiam as transformações do território do Brasil e do Paraná. Portanto, será organizado na seguinte linearidade: *Imigração alemã no Brasil; Imigração alemã no Paraná e Imigração alemã em Mamborê*. Em seguida, serão apresentadas várias produções historiográficas relacionadas aos processos migratórios que são extremamente vastas, e nesse tópico será abordada em específico a comunidade do Lageado.

A partir desse momento, busco fazer uma abordagem mais teórica e metodológica sobre a realização da pesquisa. Essa abordagem estará envolta na importância das memórias da comunidade do Lageado e os mamboreenses, assim como o compartilhamento dessas memórias, as quais foram extraídas a partir de entrevistas.

Para as entrevistas serão usados pseudônimos, buscando preservar a imagem e a narrativa do entrevistado. Ao todo, foram entrevistados cinco (5) pessoas que faziam parte da comunidade do Lageado, de maneiras diferentes.

Na tabela abaixo, é possível observar com maior clareza o pseudônimo escolhido para cada entrevistado, a relação dessa pessoa com a comunidade, a quantidade de entrevistas realizadas e se também forneceram fotografias para a pesquisa.

QUADRO 1- Entrevistados e sua relação.

<i>PSEUDÔNIMO DO ENTREVISTADO</i>	<i>RELAÇÃO COM A COMUNIDADE DO LAGEADO</i>	<i>OBSERVAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS</i>
Osmar Santos	Antigo morador da comunidade do Lageado, que faz parte do grupo “Irmãos Santos”. Osmar Santos veio do Rio do Grande do Sul com sua família, filho de alemã e negro, eram	Foram realizadas duas entrevistas com Osmar Santos, onde foi usado um roteiro norteador para as perguntas, deixando o entrevistado mais livre para os apontamentos.

	católicos, naquele momento Osmar era o caçula da família.	
Adenilda Santos	Antiga moradora da comunidade do Lageado que faz parte do grupo “Irmãos Santos”. Adenilda Santos veio do Rio do Grande do Sul com sua família, filha de alemã e negro, eram católicos.	Foram realizadas quatro entrevistas com Adenilda Santos, onde foi usado um roteiro norteador para as perguntas, deixando a entrevistada mais livre para os apontamentos. Adenilda também compartilhou e ajudou com muitas fotografias que estão expostas ao longo do trabalho.
Luiza Santos	Antiga moradora da comunidade do Lageado, que faz parte do grupo “Irmãos Santos”. Luiza Santos veio do Rio do Grande do Sul com sua família, filha de alemã e negro, eram católicos.	Foram realizadas duas entrevistas com Luiza Santos, onde foi usado um roteiro norteador para as perguntas, deixando a entrevistada mais livre para os apontamentos.
Dirce Müller	Veio com seus pais do Rio Grande do Sul, fundando a comunidade. Atualmente ainda é moradora do Lageado. Dirce e sua família seguem a religião Luterana e frequentam a Igreja da Comunidade do Lageado.	Foram realizadas duas entrevistas com Dirce Müller, onde foi usado um roteiro norteador para as perguntas, deixando a entrevistada mais livre para os apontamentos, Dirce também compartilhou e ajudou com muitas fotografias que estão expostas ao longo do trabalho.
Cláudio Müller	Filho de Dirce Muller. Atualmente ainda é morador do Lageado. Cláudio vive com sua mãe na comunidade do Lageado e segue a religião Luterana, frequentando a Igreja que pertence à comunidade do Lageado.	Foram realizadas duas entrevistas com Cláudio Müller, onde foi usado um roteiro norteador para as perguntas, deixando o entrevistado mais livre para os apontamentos. Ele esteve acompanhando em todos os momentos a

		entrevista com a sua mãe Dirce, portanto essas entrevistas foram realizadas em conjunto.
--	--	--

FONTE: Trabalho de campo da autora

AUTORIA: Feito pela própria autora

Para todas as entrevistas foi usado um mesmo questionário norteador², e não uma série de perguntas prontas e fixas, visto que, a partir desses questionamentos norteadores, íamos buscando novos assuntos ao longo dos momentos de entrevista, manejando para que o momento não ficasse engessado em algo.

E, também, comentários na página da rede social Facebook – a rede social Facebook foi usada para o compartilhamento de fotografias, instigando comentários de moradores e ex moradores de Mamborê e da comunidade do Lageado.

O Facebook foi usado como uma metodologia de busca de fontes, e também de criação de fontes – pois o objetivo da página foi estimular que antigos e atuais moradores da comunidade do Lageado e da cidade de Mamborê, expusessem suas memórias por intermédio dos comentários, que eram realizados nas fotografias postadas na página – portanto, ela foi feita com o objetivo de criar novas fontes, um compartilhamento de memórias, sendo assim, conseguindo chegar em mais pessoas que estiveram presentes nesses momento, já que antigos moradores e visitantes da comunidade do Lageado comentaram, interagiram e expuseram momentos. Nesse caso, serão usados seus próprios nomes que constam como usuário da rede – o uso da rede social Facebook será melhor detalhada ao longo do texto.

No próximo capítulo, estarão sendo avaliadas as questões de “Memória e Identidade”, onde serão explanadas a motivação e a relevância por trás do uso de ambas na pesquisa. Por fim, o texto é finalizado com uma proposta de rota turística para a cidade e a comunidade. Vale ainda ressaltar que os nomes os quais irão aparecer ao longo do texto em entrevistas são pseudônimos, buscando preservar a identidade pessoal dos colaboradores da pesquisa.

² As perguntas a seguir são as que foram usadas em todas as entrevistas:

1. Inicialmente, contar um pouco sobre quem é você: Nome completo, idade, quando chegou ao Lageado e/ou Mamborê, como chegou e por que chegou.
2. Como era a vida no Lageado e/ou Mamborê: Quando chegou, foi bem recebido e aceito por quem já estava aqui e/ou quando eles chegaram o que foi pensado sobre eles?
3. Como foi a questão da oficialização das terras: essas terras foram compradas/adquiridas ou foram entregues a alguns?
4. Você enquanto morador de Mamborê e/ou Lageado em algum momento viu ou sentiu preconceito daqueles que eram diferentes de você?
5. As relações com o outro, como eram: Sempre foram boas ou vocês enfrentaram dificuldades nesses relacionamentos?

Também está presente nos anexos de maneira mas especificada.

Falando agora, em específico, sobre o processo de produção da pesquisa e na minha ação enquanto pesquisadora e historiadora, posso afirmar que está sendo algo extremamente diferente do que já havia feito antes, enquanto graduanda e, depois, como professora.

Sou moradora da cidade de Mamborê desde os meus cinco anos de idade, sempre ouvia falar sobre a comunidade do Lageado pela minha família: avós e tios, e também por outras pessoas que faziam parte do meu círculo social.

Mas como nunca fui frequentadora da comunidade, não entendia muito bem o fascínio de alguns e, ao mesmo tempo, o desinteresse de outros com o mesmo local. Em certos momentos ouvia o quanto o lugar era bacana, com festas e encontros típicos dos alemães, já em outros ouvia o quanto o local não tratava todos da mesma forma, com igualdade e respeito.

A partir disso, foi crescendo cada vez mais na minha pessoa o interesse em saber o que aconteceu e o que continuava acontecendo para que a comunidade do Lageado fosse um local de divergências e convergências, alegrias e tristezas.

Junto com esse meu interesse pessoal, alguns questionamentos foram sendo apresentados, pois sempre observei o quanto os moradores da comunidade do Lageado se sentem e se reconhecem como “alemães”, mesmo sendo migrantes, não nascidos na Alemanha e, sim, nascidos no Brasil. Esse foi o ponto de partida do meu interesse na realização dessa pesquisa. Mesmo brasileiros, são reconhecidos e chamados pela sociedade de Mamborê como “alemães”, mas por que isso?

A minha curiosidade, misturada com o espírito de historiador de sempre querer pesquisar, buscar e analisar foi crescendo e tomando proporções maiores, até que, nessa pesquisa, encontrei um caminho a seguir para buscar entender essas minhas inquietações pessoais, que foram se mesclando com a História e com o público da cidade de Mamborê.

Ao longo do processo fui descobrindo mais sobre todas essas minhas curiosidades e, com isso, fui me encontrando dentro dessas novas experiências, assim como entendendo o processo de valorização de todas as memórias. Independente se concordava ou não com aquilo, consegui observar que todos aqueles momentos, de uma forma ou de outra, foram importantes e marcantes para alguém.

Isso, a meu ver, foi algo marcante para a minha pesquisa e para a minha pessoa enquanto pesquisadora: o contato com o outro, o privilégio de ter sido aceita e respeitada. Pois os meus entrevistados abriram seus corações, suas alegrias, seus traumas e suas memórias, em uma pequena fração de tempo, e possibilitaram que eu pudesse viver com eles aquilo que muitas vezes haviam guardado só para eles, em seu espírito.

E, com isso, definitivamente, aprendi a importância de uma pesquisa com a História Pública.

CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA PÚBLICA

Para dar início, é muito importante dizer que não é uma missão tão fácil definir o que é a História Pública, já que ela pode assumir várias definições, mas eu particularmente penso nela como a junção do historiador, do meio acadêmico e do público, sabendo que, aqui, público assume o seguinte papel: o meio social, a sociedade envolvida e as relações estabelecidas.

(...) Eu quero, no entanto, colocar um modo diferente de pensar sobre História Pública que ponha menos ênfase sobre qualquer distinção entre “historiador” e “público” e mais sobre o processo de como o passado torna-se história. Acesso e disseminação são louváveis, mas eles mesmos são conceitos insuficientes com os quais nem explora o entusiasmo intenso pelo passado no domínio popular, nem desenvolve modos criativos com os quais tal engajamento pode produzir diferentes entendimentos e práticas por aqueles que não são historiadores profissionais. Um aspecto desta abordagem é procurar modos de desmistificar o que historiadores fazem, compartilhando conhecimento conceitual e não apenas conhecimento baseado em conteúdos. (KEAN, p.2, s.d)

Assim como Kean (s.d), queremos e buscamos com a História Pública não só a disseminação de uma pesquisa pronta e acabada, baseada apenas em conteúdos e fontes históricas, mas também a validação do entusiasmo da vivência, das relações e daquilo que foi vivido diariamente e pessoalmente pelo público. Portanto, na presente pesquisa, a História Pública será fundamental e essencial, pois é a partir dela que vamos engajar o público não-especialista com o conhecimento histórico, e as suas próprias memórias formarão a história de uma comunidade a partir da relação construída entre historiadora e comunidade.

Partindo para o livro “História pública no Brasil: Sentidos e itinerários”, podemos dizer que a história é vista como uma bússola para questões políticas, sociais, religiosas e culturais que emergem no presente (MAUAD; ALMEIDA; SANTHIAGO, 2016, p.11). Mas a História Pública, como já dito anteriormente, pode ser vista com muitas possibilidades - entender a história enquanto algo público é um trabalho complexo, que demanda várias abordagens, e isso foi perceptível com base nas leituras já realizadas.

Em *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*, o historiador Marc Bloch, vêm nos dizer que é importante: “saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos estudantes” (BLOCH, 2001, p. 41). Ou seja, fazer e realizar uma pesquisa, é, sim, a produção de um conhecimento, mas para quem é esse conhecimento?

Realizar uma dissertação em conjunto com a História Pública é ter o conhecimento de que aquilo que é produzido não deve ser feito e compartilhado apenas por aqueles que fazem parte do meio acadêmico, mas, sim, com todos aqueles que estão presentes, afinal, o homem e

todas as suas relações fazem (parte) da história, pois tudo aquilo que o homem produz é uma possibilidade de estudo para a história, segundo Bloch (2001).

Portanto, em nossa percepção, a História Pública é não deixar de lado as pessoas que fazem parte do *público*, pois são elas que fazem, observam, narram, mudam e escolhem as suas próprias histórias sobre seus próprios espaços, mas, é claro, isso será levado em consideração nesta pesquisa sem deixar de lado a importância que a história e a pesquisa acadêmica também desempenham, buscando com que essa pesquisa seja escrita de uma maneira colaborativa, tanto do meio acadêmico quanto do meio público.

A partir disso, podemos observar a importância da História Pública para a formação do pertencimento das pessoas dentro da história e de seus locais de vivência, pois ambos os saberes, acadêmicos e do coletivo, podem vir a ser compartilhados.

(...) Se história não engloba o reconhecimento do papel das pessoas em fazer história – e inclui historiadores dentro desta ideia das pessoas – isto apresenta desafios. Isso pode ser um pouco inquietante, mas talvez um bom lugar para começar por tornar História Pública acessível, e de partilhar ideia ou validar (ou examinar) experiência. (KEAN, s.d., p.3)

Ainda citando a autora Kean (s.d), de que vale a história se ela não for desafiadora e instigante? Se ela não nadar entre os desafios da plenitude e da turbulência? A História deve apresentar os desafios e, com eles, crescer, estando sempre ao lado das diferenças de ideias, de visões e percepções. Por fim, a História Pública aqui será usada com esse fim: os públicos também sabem história e dividem isso com os historiadores, que também sabem história, sendo assim um trabalho colaborativo entre o meio acadêmico e os públicos.

1.1 A HISTÓRIA PÚBLICA E A SUA RELAÇÃO COM OS MIGRANTES ALEMÃES FUNDADORES DA COMUNIDADE DO LAGEADO NO PARANÁ.

Durante a realização da pesquisa, em vários momentos, como o de análise e menções da chegada e permanência dos migrantes - assim como a conservação das suas práticas culturais - somente a História Pública será nossa aliada.

Como dito anteriormente, existem poucos registros destinados a esse momento de encontro e permanência dos migrantes, e as poucas referências bibliográficas escritas sobre a formação da cidade de Mamborê e de suas comunidades são: O livro feito por Vilson Olipa, memorialista da cidade de Mamborê, intitulado de *História de Mamborê*, de 1998, a Revista comemorativa dos 55 anos da cidade, produzida pelo Jornal Informativo, intitulada *A história*

de um povo, se resgata, se renova e se constrói, de 2015 e temos também outras opções de encontro com a história da cidade de Mamborê, que se dão, via sites online, como: IBGE³, Trilhas e Lugares⁴ e Cidades do Brasil⁵. Mas mesmo tendo acesso a esses outros sites informativos, espaços, as informações ainda são focadas em datações, quantidade de habitantes, de migrantes e de faixa territorial, esquecendo, mais uma vez, aquilo que não é dito. Não existe nada específico sobre o ponto de vista deles em relação à cidade de Mamborê e à comunidade do Lageado. Onde estão as relações dessas pessoas?

Ou seja, para além da historiografia existente realizada por pesquisadores da área da História, que já foram citados no início do texto, os relatos falados, entrevistas e fotografias são as amigas da História Pública para a realização dessa pesquisa.

Portanto, vamos buscar entender como os registros fotográficos das atividades da comunidade se tornaram importantes e como as práticas culturais são, em uma determinada maneira, “criadas”, são feitas e produzidas pelos migrantes alemães, e nessa criação é realizado um resgate da tipicidade do “ser alemão”. Portanto, é aquilo que já era tradicional aos imigrantes e uma implementação aos novos adeptos da comunidade. Mas, é claro, *não por todos e não para todos*.

Ao falar de memória, Portelli (2001) fala principalmente de uma “memória dividida”, que é o que vamos enfrentar ao longo dessa pesquisa. O autor vai reforçar que, ao se tratar de memória dividida, a tarefa do historiador é ser crítico na análise dos fatos, mantendo o respeito às pessoas envolvidas na situação. Usando as palavras do autor: “Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideologicamente e culturalmente mediadas.” (PORTELLI, 2001, p. 106).

Ou seja, a memória sofre alterações, no nosso caso, são diferentes, pois são relatos de pessoas que viveram o mesmo momento, embora com intensidades e relações que são divergentes, o que causa contradições nos depoimentos em relação às memórias.

A memória tem um papel fundamental na História Pública, pois permite que a sociedade preserve, reflita e aprenda com o passado. A memória, que é compartilhada por uma comunidade ou sociedade, é construída a partir das lembranças individuais, dos relatos orais, dos registros escritos, das fotografias, dos monumentos e de outras formas de expressão cultural, e

³ Link do site online IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/mambore/historico>

⁴ Link do site online Trilhas e Lugares: <https://trilhaselugares.com/conheca-um-pouco-da-historia-de-mambore/#:~:text=A%20coloniza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mambor%C3%AA%20teve,mate%20sua%20maior%20riqueza%20natural.>

⁵ Link do site online Cidades do Brasil: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pr/mambore>

aqui ela será usada a partir das *entrevistas e fotografias*. E, também, é através da memória que preservamos a narrativa histórica e os acontecimentos, sabendo que essa memória é seletiva, escolhida e filtrada, assim como, as nossas identidades.

Como a poetisa estadunidense Gertrude Stein relata:

“A única coisa que torna possível a identidade é a ausência de mudança, mas ninguém acredita de fato que se seja semelhante àquilo de que se lembra.”
Gertrude Stein.

A identidade se transforma, se constrói e se torna cada vez mais forte com a *mudança*, mudança que aconteceu quando os migrantes alemães precisaram se movimentar para a região do Sul do Brasil. Mas com essa movimentação, é impossível se assemelhar integralmente àquilo que você foi e aquilo que você representava. Você acaba que cria uma nova identidade mesclando sentidos e relações.

A autora Rosane Marcia Neumann será muito útil para analisar como os moradores da comunidade fizeram uma construção da imagem do que é ser alemão, e isso será visto no seu artigo intitulado “Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil.”, onde ela diz:

No local de chegada, os imigrantes buscam (re) construir suas identidades individuais e de grupos étnicos. A formação de identidade é sempre relacional, pois envolve a construção e a afirmação de um *nós* diante de um *outro*, ou seja, a alteridade se dá em relação a um *outro*. (NEUMANN, 2014, p. 95 – grifos da autora)

Portanto, os alemães que fundaram Lageado procuraram reconstruir uma identidade, porque sabiam que, quando chegassem nesse local, eles já iriam encontrar uma identidade já pronta.

A identidade e a diferença andam lado a lado

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir "identidade". A identidade é simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou heterossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual" "ela é velha" "ela é mulher". Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p.74)

De certa forma, identidade é aquilo que somos, é a referência que determinada pessoa faz para alguma característica, etnia ou linhagem, mas o que muitas vezes deixamos de pensar em relação a identidade, é que, quando escolhemos uma identidade, estamos também escolhendo aquilo que não somos e acabamos excluindo as possíveis demais características. Portanto, quando os migrantes alemães da comunidade do Lageado se intitulam e se identificam como “somos Alemães”, eles estão declarando que não são brasileiros, paranaenses e nem mamboreenses e quando os moradores da cidade de Mamborê, se identificam como “somos mamboreenses”, eles também estão declarando que não fazem parte desse grupo, mas, mesmo assim, as identidades estiveram conectadas, portanto, identidade e diferença andam lado a lado, são inseparáveis.

O pesquisador Silva (2000) também nos diz que a identidade está sempre ligada a uma forte separação, entre aqueles que são "nós" e "eles", e com isso se cria uma separação e distinção. São sociedades e/ou grupo de indivíduos que ficam separados e classificados por meio de suas identidades. Com isso, entram alguns questionamentos relacionados à pesquisa: a população que já vivia na cidade de Mamborê teve medo e receio daquele novo povo que estava chegando na região? Quando a entrevistada fala que *sabia de tudo aquilo que tinha acontecido*, ela está se referindo ao após Segunda Guerra Mundial e ao medo relacionado aos alemães nazistas e à guerra, levando em consideração o receio pelos traumas cometidos pelos alemães e a força da memória da guerra.

Mas, mesmo assim, as relações foram sendo estabelecidas, pois eles chegaram e ficaram. Sendo assim, buscaram e realizaram um processo de reconstrução de uma imagem e identidade já existente, fazendo com que eles se tornassem bem-vistos dentro da sociedade a partir dessa nova imagem.

O pesquisador Candau (2012) elabora uma relação entre a memória e a identidade dos indivíduos extremamente interessante e pertinente a essa pesquisa, onde ele diz que a memória confere continuidade ao indivíduo, e que o passado – ou uma parte desse passado - compõe a identidade de cada ser, mas que as vivências, relações e contatos estabelecidos por esses indivíduos também fazem com que a memória seja maleável e moldada. Essa capacidade de moldar a memória dá ao indivíduo a possibilidade de pensar e ordenar seu passado, podendo, assim, pensar o passado e o presente, e recontá-lo depois tendo como base a construção da memória.

Ou seja, com base nisso, podemos dizer que a memória e a identidade dos migrantes alemães sofreram alterações e mudanças, mantendo, no entanto, as tradições, mas sendo moldada com base na nova trajetória que estava acontecendo e nas relações que estavam sendo estabelecidas com diferentes tipos de identidades, no caso a dos moradores da cidade de

Mamborê. Tendo em mente essa questão, muitos mamboreenses também moldaram suas identidades, participando dos eventos tradicionais e do reconhecimento dos migrantes como alemães.

É preciso ter em mente que, se a memória pode ser moldada e transmitida de acordo com os interesses, algo sempre é deixado de lado, aquilo que não é visto como de respeito ou de importância para aquele novo contexto de acordo com aquele que está rememorando.

A partir disso, Candau (2012) auxilia para o entendimento sobre as versões que orientaram os textos escritos que existem acerca de Mamborê e a comunidade do Lageado e que eles foram, de certa maneira, moldadas e definiram o que foi transmitido. Para isso, essa pesquisa buscou, encontrou e justificou alguns conflitos de identidades e memórias de um mesmo momento. A memória é um *locus* de mudanças e transformações recorrentes, então, não se buscou entendê-las como um todo, prontas e acabadas, mas, sim, ouvir, de forma individual, como cada uma de suas memórias se formaram, mudaram e foram sendo estabelecidas.

A tradição também é repassada através da memória e é reproduzida através dos elementos e lugares de memória, e pode também sofrer modificações e reinvenções. A tradição nesta pesquisa se refere aos bailes de tradição alemã, alimentos como cuca, salame e chopp e as vestimentas. Candau (2012) nos diz que a opção por lembrar desses determinados acontecimentos faz parte do jogo social das identidades, onde o lembrar e propagar faz com que o jogo de memória e identidade cada vez mais se fortaleça nos indivíduos que estão presentes em primeiro plano e, também, em segundo plano em relação às memórias de um entrevistado e de um comentário.

A autora Camila de Brito Quadros Lara, no Encontro Regional de História da ANPUH – MS no ano de 2016, afirma que:

A memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas partes de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. (LARA, p.1, 2016)

Ou seja, a memória é coletiva e passa por mudanças dependendo do grupo no qual você está inserido.

O manipular a memória não só possibilita o surgimento de novas identidades, mas possibilita apagar os eventos que determinado grupo não quer que sejam lembrados, rememorados ou comentados entre os demais, que é o caso das entrevistas orais, onde foram encontradas várias perspectivas diferentes sobre assuntos iguais e momentos iguais. O esquecimento de um grupo é uma maneira de lidar com a memória que não é esperada, e o esquecimento desse

sofrimento é uma das causas do enfraquecimento das demais identidades, que foram encontradas e rememoradas ao longo dessa pesquisa.

A junção da memória e identidade com a História Pública é importante por várias razões, mas pessoalmente, para essa pesquisa, o mais importante é a identidade e o pertencimento: a memória histórica ajuda a construir a identidade de uma sociedade, fornecendo um senso de pertencimento e continuidade com o passado.

Agora, quando falamos da importância das entrevistas, elas demonstrarão um apoio significativo na realização da pesquisa, pois as memórias serão usadas e mostradas, como também são dignas, afinal é através da memória que as informações do passado serão lembradas e vividas no presente, com o auxílio da História Pública.

A História Oral é significativa para a presente pesquisa e, principalmente, para as entrevistas, pois podemos dizer que a História Oral atua como o trabalho de pesquisa do historiador, que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades, assim como uma metodologia de pesquisa e registro histórico que se baseia na coleta de depoimentos de pessoas que vivenciaram eventos ou períodos específicos. Essa abordagem busca preservar e dar voz a perspectivas individuais e coletivas que muitas vezes não são encontradas nos registros escritos convencionais.

Mas vai muito além disso.

Thompson (1992) diz que a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. Usando disso, podemos afirmar que os entrevistados serão os responsáveis por fazer a rememoração dos seus próprios acontecimentos, relações e vivências. E enquanto pesquisadora, atuei como uma ponte entre esses saberes, dando importância, respeito e relevância, não esquecendo também do conhecimento acadêmico.

O autor ainda vai dizer que: “E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1992, p. 337). Em outras palavras, vamos com a história oral buscar com que, tanto os moradores de Mamborê quanto os da comunidade do Lageado, possam construir esse momento enquanto lembram dele.

Portelli, Ribeiro e Fenelón (2012) fazem-nos um alerta para o sentido da História Oral, dizendo que muitas vezes nós, historiadores, estamos afeiçoados somente pelas palavras, sendo que as entrevistas não são uma troca de palavras, mas também uma troca de escutas, são duas falas, visões e memórias que se encontram e se cruzam. Portanto, a história oral se apresenta como um processo de desestruturação do movimento rígido que conserva o evento como algo cristalizado, mas, sim, uma forma de abordá-lo como algo vivo.

Portelli, Ribeiro e Fenelón (2012) ainda vão nos dizer que a História Pública busca transformar as entrevistas gravadas em fontes que servem de compreensão para o passado, não deixando de lado as demais fontes que também compõem esse trabalho - como as fotografias e fontes escritas – mas, sim, agindo de uma forma que vem complementar as demais fontes já existentes, sempre procurando expressar como os indivíduos vivenciam e interpretam os acontecimentos e as situações em que estiveram presentes.

A História Oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15). Ou seja, a história oral é a produção de fontes por meio das entrevistas, se tornando também, uma fonte de trabalho para o historiador.

A História Oral relaciona-se com as histórias e as memórias pessoais contadas por determinados indivíduos sobre o seu passado, portanto, também é seletiva, pois aqueles que fazem os relatos escolhem aquilo que irão ou não contar, aquilo que querem ou não que seja lembrado. A História Oral é importante e aqui se torna também considerável, pois ela nos traz outras dimensões em relação ao debate historiográfico. Conseguimos, a partir dela, visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico, a partir do diálogo entre o pesquisador e o entrevistado.

Por fim, é importante salientar que nenhum entrevistado e personagem da história que será trazida para essa dissertação, irá narrar sua memória sem observar o que esta sua fala poderá trazer de consequências para si, sejam elas negativas ou sejam positivas.

Assim, buscar nas entrevistas da História Oral é saber que se está adentrando em questões privadas e únicas, as quais são ainda mais delicadas quando os personagens em questão estão vivos e fazendo –ou não - parte de determinado espaço.

Vamos usar, portanto, a metodologia da história oral sabendo e reconhecendo essas tipicidades para com as nossas fontes.

O pesquisador Petersen (2013) considera três aspectos principais que devemos ter em conta para pensarmos sobre as nossas fontes: 1. As fontes não são só documentos escritos oficiais; 2. As fontes não falam por si, é o historiador que lhes dá voz; 3. As fontes não são neutras, elas trazem as intenções

Portanto, podemos usar essa afirmativa para levantar algumas questões em relação às fotografias presentes nesse trabalho, já que tudo aquilo que o ser humano, enquanto um indivíduo pertencente a uma sociedade, produz, está embebido de suas escolhas particulares de identidade, relações, vivências, trabalho, tradição, religião e cultura.

Pensando a partir dessa perspectiva, uma mesma fotografia e mesma fonte nos oferecem diferentes respostas, a partir das perguntas que o historiador desenvolveu e realizou, “[...] um diálogo, em que a busca de dados nas fontes é guiada pelo objetivo da pesquisa, ao mesmo tempo em que o contato com a documentação pode suscitar novas perguntas, ideias e hipóteses” (PETERSEN, 2013, p.300)

Partindo para a importância dos registros fotográficos para a presente dissertação, Mauad (1996, p.10) vai expor que: “Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época.”.

São elas, as fotografias, que ganham uma grande importância no trabalho, pois são vistas nessa pesquisa como fontes, são elas que vão mostrar a forma como os migrantes alemães constroem a própria história a partir desses materiais, possibilitando também pensar a forma como o grupo lê o que julga ser a sua própria contribuição – pois, na maioria das vezes, eles são os responsáveis pelas fotografias, ou seja, eles escolheram quais registros deveriam ser feitos e guardados, e aqueles que deveriam ser esquecidos. A imagem se mostra muito importante para a compreensão do processo de formação da comunidade do Lageado. Segundo Monteiro,

A fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. (MONTEIRO, 2006, p.12)

Ou seja, a fotografia aqui nessa pesquisa, assume o seguinte sentido: é uma escolha do que será visto, tanto de espaço, lugar, pessoas e, claro, a informação que naquele momento deseja ser transmitida e, nesse caso, quem tira a fotografia está falando de si e daqueles que fazem parte do seu meio. No caso, na comunidade do Lageado, as fotografias são as escolhas da comunidade para narrar seus momentos.

Uma fotografia, uma imagem, são resultados de visões da realidade material e imaterial, daquilo que pode ser visto a olho nu e aquilo que fica envolto na névoa da percepção, pois toda fotografia traz com ela a escolha de vários aspectos, como entende Knauss (2006). Sabendo então que a fotografia é uma escolha e, aqui será vista como uma, onde está aquilo que não foi escolhido para ser mostrado? É isso que vamos buscar encontrar ao longo da pesquisa.

A partir de Ana Maria Mauad (1996), trarei as análises das imagens que retratam o desenvolvimento econômico, cultural e religioso da comunidade do Lageado. As fotografias que serão expostas ao longo da pesquisa mostrarão a transformação da comunidade do Lageado em relação a seu crescimento populacional, como ela passou a não ser formada apenas de

migrantes, mas também dos demais moradores da cidade de Mamborê, o desenvolvimento da religião e da Igreja presente na comunidade, suas festas e a implementação das tafonas, onde produziam a farinha de mandioca e a serraria, mas também produzir um sentido de questionamento em relação a essas fotografias.

A seguir, duas fotografias mostram o início da comunidade, suas ruas, casas e moradores:



FIGURA 1: As ruas da comunidade.
FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia.
AUTORIA: desconhecida.



FIGURA 2: Os espaços de vivências da comunidade.
 FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia.
 AUTORIA: desconhecida.

Essas duas fotografias acima nos mostram muito a relação dos autores citados e do sentido de importância das imagens que queremos trazer para essa dissertação, afinal essas duas imagens falam por si mesmas. Na figura 1, intitulada “As ruas da comunidade”, podemos observar três (3) migrantes alemães destacados que estão logo ao centro da imagem, no meio dessa rua, mostrando que eles fazem parte desse processo de crescimento, ambos estão com roupas sociais e não demonstram estarem como trabalhadores da abertura dessa rua, mas onde estão aqueles que trabalharam e abriram essa rua? Por que não foram registrados? Pois a fotografia é uma escolha arbitrária da história que deve ser escolhida como “oficial”, aquela que deve ser lembrada e passada para as próximas gerações. Na figura 2, temos grande parte, ou quase toda, a população da comunidade do Lageado, que estava reunida para uma fotografia após o culto. Podemos observar que todos estão bem ornamentados, com roupas sociais e vestidos, mas não conseguimos observar na imagem nenhuma pessoa que fuja dos padrões do alemão, branco e de olhos claros, e, onde está o restante dos moradores? Aqueles que também foram entrevistados?

Todas as fotografias foram uma escolha de quem iria aparecer, do que era importante ser mostrado ou não. Então, as fotografias falam por si mesmas, assim como por meu olhar enquanto pesquisadora sobre elas, afinal é o pesquisador quem faz as perguntas a sua fonte.

Assim como as fotografias mostram quem eram aqueles que representavam a comunidade, aqueles que eram *a cara* do progresso. Em nenhuma das imagens se observam negros. Então quem foi escolhido para mostrar a imagem perfeita de uma sociedade em produção eram os brancos migrantes de origem europeia.

1.2 A REDE SOCIAL FACEBOOK E A IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA.

Nas últimas duas décadas houve, de fato, uma intensificação do uso das tecnologias digitais nas mais diferentes etapas da pesquisa histórica, desde o trabalho de levantamento das fontes até as distintas formas de divulgação do conhecimento histórico. A onipresença dos meios digitais pode ser apontada para os mais diversos procedimentos do ofício de historiador. O uso da internet tornou-se obrigatório, por exemplo, para que se tenha acesso a uma produção acadêmica atualizada por meio da consulta às bases de dados de revistas científicas – disponíveis exclusivamente on-line – e aos repositórios digitais nos quais podem ser consultadas monografias, dissertações e teses defendidas em universidades de vários países do mundo cujas bibliotecas já não mais arquivam versões impressas. Nos arquivos da web, além desse tipo de material bibliográfico nato digital – ao qual poderiam ser acrescentados livros, enciclopédias, dicionários etc. –, os historiadores têm realizado cada vez mais o trabalho de levantamento de fontes históricas digitais ou digitalizadas para as suas pesquisas, dentre as quais podem ser citadas, em uma enumeração não exaustiva, as fontes hemerográficas, cartográficas, iconográficas, orais e audiovisuais. (PRADO, p. 8, 2021)

Pensando e refletindo a necessidade em que estamos vivendo e o quão rápido acontecem as formas de comunicação e o acesso às informações, por que não criar uma página em uma rede social onde vamos conseguir usufruir desse meio ágil de veiculação de informações?

No percurso e avanço da pesquisa histórica, tive várias adaptações metodológicas que foram sendo realizadas para análises de diferentes tipos de fontes, por exemplo, a de fotografias, filmes e fontes orais, todos são válidos, mas isso ainda está passando por um processo de transformação, onde a História Pública Digital está ganhando espaço e transformação (PROST, 2015).

Para o caso dessa dissertação, eu criei um espaço online e digital – rede social Facebook – e esse espaço me trouxe novas fontes, a partir dos comentários dos usuários da rede nas publicações que eram realizadas na página. Ou seja, foi criado um espaço digital que me traria novas fontes.

Os recursos digitais são usados para difundir suas memórias sobre o passado nas redes sociais, pois cada indivíduo tem condições e passe livre para escrever tanto sobre sua própria história quanto sobre a história de sua família, de sua comunidade, de sua cidade ou região NOIRET (2015). O conteúdo produzido e compartilhado pelo público, por eles mesmos, na rede, vai além de relatos de experiências e vivências individuais, é uma necessidade de

responder e manter viva “as necessidades prementes da sociedade de proteger as identidades, a cultura e as memórias coletivas locais e promovê-las globalmente” (NOIRET, 2015, p. 42)

Pensando a partir disso, portanto, no dia 7 de agosto de 2022, criei uma página na rede social Facebook, com o nome “Memórias da comunidade do Lageado”⁶ onde convidamos moradores de Mamborê e do Lageado para, juntos, compartilharmos memórias sobre o local.

No quadro abaixo, é possível observar com maior clareza e objetividade a quantidade de publicações que foram realizadas na página, assim como o tema e fotografia presentes em cada uma e a quantidade de comentários que cada publicação atingiu. Não foram usados pseudônimos para os comentários realizados na rede social Facebook, visto que está em domínio público, como já citado anteriormente.⁷

QUADRO 2: Relação de publicações no Facebook.

<i>TEMA</i>	<i>DATA DE PUBLICAÇÃO</i>	<i>LEGENDA</i>	<i>QUANTIDADE TOTAL DE COMENTÁRIOS E REAÇÕES</i>
PUBLICAÇÃO 1: Apresentação do tema de pesquisa e quem é a pesquisadora.	7 de agosto de 2022.	<i>Olá!! Meu nome é Tainá, resido na cidade de Mamborê - PR, sou professora de História e mestranda em HISTÓRIA PÚBLICA na Universidade Estadual do Paraná. Minha pesquisa é sobre a formação da comunidade do Lageado na cidade de Mamborê - PR. Essa página surgiu como um local de troca de memória sobre os espaços formados na comunidade, os momentos vividos e compartilhados! Vamos juntos compartilhar memórias?</i>	2 comentários e 20 reações.

⁶ <https://www.facebook.com/memoriasdoLageado>: Link de acesso a página no Facebook.

⁷ Todas as fotografias das publicações estarão disponíveis nos anexos da pesquisa.

<p>PUBLICAÇÃO 2: Publicação de duas fotos da Igreja Luterana da comunidade do Lageado.</p>	<p>23 de agosto de 2022.</p>	<p><i>E lá vamos com a nossa primeira conversa!!</i> <i>Essa é uma fotografia da Igreja Luterana da Comunidade do Lageado, me conta, quais são as suas memórias desse local? Você tem fotografias suas na Igreja?</i> <i>Registre nos comentários a sua lembrança!!</i></p>	<p>9 comentários, 23 reações e 21 compartilhamentos.</p>
<p>PUBLICAÇÃO 3: Escola rural da comunidade do Lageado em um momento cívico.</p>	<p>11 de setembro de 2022</p>	<p><i>Vamos reviver memórias?</i> <i>Essa é uma fotografia do momento cívico de uma das escolas da comunidade do Lageado!!</i> <i>Vocês estudaram em alguma das escolas da comunidade? Foram professores? Se lembram do nome das escolas? Qual a sua lembrança desse local?</i> <i>Conte nos comentários!!!</i></p>	<p>12 comentários, 25 reações e 7 compartilhamentos.</p>
<p>PUBLICAÇÃO 4: Economia: tafonas e serrarias.</p>	<p>10 de outubro de 2022.</p>	<p><i>Vamos reviver memórias?</i> <i>Aqui temos uma fotografia do transporte de uma tora de madeira usada na serraria e uma foto da produção da farinha de mandioca nas tafonas do Lageado.</i> <i>Você tem alguma memória desse momento??</i> <i>Conte nos comentários!!!</i></p>	<p>4 comentários, 6 reações e 20 compartilhamentos.</p>
<p>PUBLICAÇÃO 5: O clube 7 de setembro.</p>	<p>10 de novembro de 2022.</p>	<p><i>Essas são fotos do Clube 7 de setembro atualmente!</i> <i>Mas, nele, tivemos vários momentos de encontro e recreação.</i></p>	<p>19 comentários, 22 reações e 38 compartilhamentos.</p>

		<p><i>Me conta aí quais são as suas lembranças do clube?</i></p> <p><i>Você tem fotos dele na sua atividade? Me mande também!</i></p>	
--	--	---	--

FONTE: Produzida pela autora
AUTORIA: da própria autora

Essa foi a primeira imagem convidativa, busquei me apresentar e fazer com que eles me conhecessem, isso foi realizado com uma mensagem inicial para a publicação onde expus quem eu sou, minha formação e o porquê da página ter sido criada:

Olá!! Meu nome é Tainá, resido na cidade de Mamborê - PR, sou professora de História e mestranda em HISTÓRIA PÚBLICA na Universidade Estadual do Paraná. Minha pesquisa é sobre a formação da comunidade do Lageado na cidade de Mamborê - PR. Essa página surgiu como um local de troca de memória sobre os espaços formados na comunidade, os momentos vividos e compartilhados! Vamos juntos compartilhar memórias? (DA SILVA, Tainá Lang. 2022, 7 de agosto. Apresentação na página Memórias da comunidade do Lageado. Facebook <https://www.facebook.com/memorias-doLageado/photos/a.107727408708457/107725118708686>.

Esse foi um primeiro convite, para que, depois, começássemos a compartilhar momentos, fotografias e memórias. Logo abaixo pode ser vista a imagem publicada em conjunto com a citação acima:



FIGURA 3: Apresentação da pesquisa no Facebook.
FONTE: produzida pela própria autora.
AUTORIA: da própria autora.

A partir desse primeiro contato com os moradores nessa página, começamos a publicar algumas fotografias a que já tínhamos acesso, os comentários nas publicações serão expostos ao longo do texto em conjunto com as imagens, comentários que serão importantes para conseguirmos ver como os locais da comunidade trazem memórias diferentes para cada um, portanto os comentários também foram usados como uma coleta de dados sobre as relações/vivências.

CAPÍTULO 2: ALEMÃES NO BRASIL, NO PARANÁ E A SUA VINDA PARA MAMBORÊ – PR.

Aqui, falaremos do processo migratório para o território brasileiro como um todo e posteriormente, para o estado do Paraná e para a cidade de Mamborê.

Ao longo dos séculos, o país recebeu um grande número de imigrantes de várias partes do mundo. A imigração para o Brasil começou no período colonial, com a chegada dos portugueses que colonizaram o país.

Nos séculos seguintes, o Brasil recebeu imigrantes de diversas origens, incluindo italianos, alemães, japoneses, espanhóis, libaneses, sírios, entre outros.⁸ Esses imigrantes ficaram para a formação cultural, econômica e demográfica do Brasil trazendo suas tradições, costumes e conhecimentos.

Durante o século XIX e início do XX, a imigração foi incentivada pelo governo brasileiro - embora de forma não oficial - que buscava mão de obra para o desenvolvimento agrícola e industrial do país.

Priori *et al.* (2012, p. 35) abordam em sua obra que, no século XVIII o Paraná ainda possuía baixa densidade demográfica, além de não ter consolidado o padrão clássico da sociedade, que gravitava em torno de relações senhoriais e do grande *latifúndio* e, inclusive, da monocultura de exportação. Portanto:

Como no resto do país, o incentivo à imigração foi necessário, visto que era imperativo ocupar espaços vazios existentes no território do Estado, resolvendo, também, as questões relacionadas à falta de mão de obra crescente. A política do incentivo era impulsionada por propagandas que enfatizavam o Brasil como um paraíso propício à formação de fortunas, uma terra de oportunidades e de sossego, um verdadeiro paraíso no novo mundo, distante do caos que havia se tornado a Europa. (PRIORI *et al.* 2012, p.36)

Ainda de forma extra-oficial, o Brasil implementou políticas de imigração, oferecendo terras e oportunidades de trabalho para atrair imigrantes, segundo Gonçalves (2017). A importação de escravos, usados como mão de obra no Brasil, persistiu após a independência e foi intensificada.

Esse foi o real motivo para a vinda de imigrantes europeus, pois as autoridades queriam povos considerados “civilizados” para iniciar e criar uma nova população brasileira, branca, rica e dona de lavouras.

Quando falamos e usamos o termo “civilizados” torna-se necessário entender o conceito histórico, que é a ideologia do branqueamento:

⁸ Ver <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>

A miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um tipo nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população. (SEYFERTH, 1996, p.43)

Essa ideologia fez com que as elites das regiões acreditassem que houvesse algum tipo de “problema” étnico racial brasileiro e que isso era o fator que levava a uma demora de desenvolvimento econômico no território brasileiro, mas que poderia ser solucionado pela miscigenação. A ideologia acreditava que o sangue europeu, branco e civilizado iria sobressair sobre o sangue “primitivo” dos descendentes de africanos. É esta crença que explica a legitimidade e o aumento da imigração dos europeus para o país.

A teoria brasileira do “branqueamento” (...), aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e “menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte, porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas. (SKIDMORE, 1989, p.81)

No projeto de imigração brasileiro, e esse processo de branqueamento, de trazerem pessoas “civilizadas”, a questão racial é um conceito orientador, e assim imigrantes estrangeiros, eram bem-vindos, mas somente europeus/brancos, pois esses eram vistos como uma “raça adiantada”, como quer Skidmore, (1989). O que gerava, portanto, um grande fluxo de imigrantes europeus, “civilizados” e brancos, principalmente italianos e alemães, que se estabeleceram principalmente nas regiões sul e sudeste do Brasil.

Quando falamos da História do Paraná, podemos citar alguns autores e suas ideias centrais, como o professor Ruy Christovam Wachowicz, que em seu livro intitulado “História do Paraná” (1988), aborda o processo de criação do estado e sua emancipação política, assim como questões mais específicas relacionadas aos habitantes da região anteriores aos colonizadores e a ocupação dos espaços por esses migrantes.

Na obra, existe um capítulo intitulado “Os três Paranás” no qual, de forma mais específica, mostra-se o processo migratório para as três “regiões” do estado: norte, *sul* e tradicional. Para a presente pesquisa, o trecho onde se fala da fonte migratória para a região sul é o que nos importa, quando Wachowicz (1988) aborda de forma mais ampla os migrantes de origem alemã se instalando nessa região, que é a da análise desta pesquisa em questão.

Temos também uma obra interessante que aborda a História do Paraná e a sua relação com o seu espaço e memória, produzido por vários autores, e intitulado “Paraná, espaço e memória: diversos olhares histórico - geográficos”.

Em específico, em um capítulo intitulado “Imigração” (2005), os autores Adalberto *et al.* abordam algo que já era sabido por meio de entrevistas e outras leituras, a saber: a fonte migratória para a região do Paraná foi movida pela busca de uma nova terra fértil e os burburinhos de que a indústria ervateira e o tropeirismo eram fortes na região, fazendo com que os olhos dos migrantes se enchessem de esperanças de um possível enriquecimento financeiro vindo para essa localidade.

Por fim, falando de mais uma autora, Nina Tubino (2022) e seu livro “Caminhos dos alemães no Brasil: suas vidas, suas histórias”, podemos relacionar questões que também são levantadas ao longo das entrevistas e do texto da pesquisa, qual seja: a percepção da tradição alemã que permanece impregnada na cultura do povo sulista e como ela se mistura com as tradições já existentes.

A meu ver, existem poucas obras que tratam exclusivamente e especificamente da cidade de Mamborê e da comunidade do Lageado. Mas isso não quer dizer que não existam outras obras que abordam a região, portanto, em alguns textos o local onde Lageado e Mamborê estão fixados, é mencionado, mas não de forma específica sobre a comunidade e sobre a cidade.

Mas quando falamos em obras específicas da cidade de Mamborê e da comunidade do Lageado, podemos ver várias lacunas sem respostas, pois a historiografia local que existe acerca da cidade são apenas três (3) obras, duas delas com caráter memorialista e de exaltação de uma identidade, e a outra a obra da historiadora Jocimara Maciel Correia, intitulada “O falso Mengele em uma pequena cidade no interior do Paraná (1955-2020)”, trabalho de dissertação que investigou o imaginário coletivo envolvendo a fantasiosa passagem do médico Josef Kanat no município de Mamborê, estado do Paraná, e sua vinculação à identidade do médico alemão Josef Mengele. A pesquisa de Correia será usada mais à frente na pesquisa.

Falando agora de cada um deles.

Temos então o livro *História de Mamborê*, onde, de maneira geral, Olipa (1998) traz aspectos abordados anteriormente, e outros não abordados, nele, é falado da História do município, seu processo de formação, símbolos municipais, instalação de igrejas e poderes executivos e legislativos. Existem somente pequenas linhas que falam sobre a comunidade do Lageado e ainda assim com um apetite de mostrar o local como um espaço harmônico de relações, como é possível ver no seguinte trecho:

A região do Lageado recebeu uma grande quantidade de descendentes de alemães e italianos, oriundos do sul do Brasil. Estes trouxeram e cultivam a língua dos pais e avós, os costumes, enfim, a *rica tradição sulina*. No campo da dança, fundaram o Clube 7 de Setembro, no qual ainda são realizados bailes. (OLIPA, 1998, p. 21 – grifo do autor)

Como é possível observar, em nenhum momento são levantadas hipóteses sobre a motivação da chegada dos alemães, a permanência e a relação de encontros com os demais moradores do espaço, e é somente afirmado que a “rica tradição sulina” - termo usado pelo autor Olipa (1998) para falar sobre a cultura dos alemães, referindo-se somente a uma “harmonia cultural” - foi cultivada. Mas qual a garantia? Qual a comprovação de que isso aconteceu? É o que busco entender ao longo da pesquisa.

Também temos uma revista comemorativa dos 55 anos da cidade de Mamborê, realizada pela empresa *Jornal Informativo* no ano de 2015. Existem duas páginas nessa revista que estão intituladas “Comunidade Luterana Lageado”, e a matéria fala sobre a comunidade do Lageado e aborda, também de uma maneira extremamente rasa, apenas a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, o que a Igreja prega e a primeira diretoria da Igreja.

Logo abaixo, exponho a imagem digitalizada do *Jornal Informativo* (2015) e as duas páginas onde estão expostas as informações gerais sobre a comunidade do Lageado e algumas fotografias:



FIGURA 4: Jornal Informativo e a comunidade do Lageado.

FONTE: Jornal Informativo – 2015.

AUTORIA: Arquivo pessoal da autora e digitalizado pela autora.

LAGEADO

Germendorff; e 2º tesoureiro: Arnildo Schmidt.

Muitos pioneiros, estando ou não na diretoria, colaboraram com o crescimento da comunidade, destacamos as seguintes famílias: Appelt, Barth, Bofinger, Fuchs, Gerstner, Goetz, Germendorff, Hoffmann, Kohlrausch, Kempf, Kruger, Kopper, Scharlau, Schmidt, Sehaber, Schroeder, Wendt, e, em especial destacamos o Sr. Joaquim Cristiano Guinter Germendorf, atuou como tesoureiro na comunidade durante 20 anos, e, o Sr. Henrique Kopper, por 13 anos, foi presidente da Comunidade.

Durante esses 63 anos, 23 membros atuaram como presidente da Comunidade: Oscar Barth, Albino Appelt, Henrique Kopper, Alceu Thales Sehaber, Otto Kopper, Frederico Bofinger, Albino Hoffmann, Ermindo Appelt, Edmundo Kruger, Erno Fuchs, Ilvo Rudi Wendt, Verno Fuchs, Adelar Koelzer Appelt, Paulo Kohlrausch, Edio Rui Scharlau, Herbert Claudio Scharlau, Elaine Tereza Kirst Wendt, Loreni Berwig Hoffmann, Gilberto Zigmar Hoffmann, Roni Nelmes Kruger, Clairton Vilmar Kopper, Gilmar Leori Kempf, e, o atual Presidente Sr. Milton Wolmir Fuchs.

Nove pastores trabalharam na comunidade: Pastor Volkamer, Pastor Merklein, Pastor Klifford Biel, Pastor Renato Siewert, Pastor Nelson Altevogt, Pastor Roberto Schmidt, Pastor Alexandre Francisco Fernandes, Pastor Arnaldo da Rocha Clemente, e, ministrando a Comunidade atualmente a Pastora Silvia Mobs.

A Igreja tem atualmente uma estrutura moderna para realizar seus eventos, como "Baile do Chopp" e a tradicional "Festa de Abril".

O Grupo de Jovens, a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) e o Grupo de Louvor tem trabalhos importantes na Igreja.

Em abril de 2002, o saudoso prefeito de Mamborê, Armando Alves de Souza, quatro dias antes do fatal acidente automobilístico, participou da comemoração dos 50 anos de fundação da Comunidade Luterana do Lageado.



Revista comemorativa 13

FIGURA 5: Jornal Informativo e a comunidade do Lageado.

FONTE: Jornal Informativo – 2015.

AUTORIA: Arquivo pessoal da autora e digitalizado pela autora.

Então onde estão as informações da chegada e formação desse local? Onde estão as relações com os moradores de Mamborê? Os locais que foram sendo construídos pela comunidade?

É claro, é importante ressaltar, que a dissertação não é definitiva, afinal nenhuma história o é, mas, sim, que a partir dos contatos, comentários, entrevistas, fotografias e análises, serão abordados e levado à tona, novos pontos de vista e perspectivas, que poderão sim ser respostas que gerarão mais perguntas, mas que, de alguma forma, serão novas.

Com base na obra da autora Giralda Seyferth (2002), intitulada “Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil”, a chegada dos primeiros imigrantes alemães aconteceu no Reinado de Dom Pedro I, em um programa organizado para desenvolver a agricultura e ocupar o Sul do país, pois os povos europeus eram vistos e tidos como mais “civilizados”, nesse momento, o “civilizado” estava assumindo um local bem específico, as autoridades brasileiras queriam que o país passasse por um processo de branqueamento, incentivando a vinda dos europeus para o Brasil, com a desculpa de que os imigrantes tinham domínio da agricultura e iriam alavancar a economia brasileira, e, sendo assim, no ano de 1824 foi fundada a primeira colônia alemã, a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Segundo o IBGE, ao longo de cem anos, cerca de 250 mil imigrantes entraram no Brasil⁹. Nos anos 1930, o fluxo de alemães aumentou em razão do nazismo.

Isso é algo que será questionado ao longo da pesquisa, se houve um aumento de imigrantes devido ao nazismo decorrente da Segunda Mundial, em âmbito nacional, que depois foi se afunilando até chegar ao estado do Paraná, e na cidade de Mamborê.

Sabemos também que a população tinha conhecimento sobre esse acontecimento e, junto com isso, havia um receio dos alemães, como diz a entrevistada Adenilda Santos: “*Um dos nossos maiores medos é que eles tinham origem de alemão, e a gente sabia de tudo aquilo que tinha acontecido.*”

Correia (2021) diz que, devido ao município de Mamborê ter uma comunidade com traços da cultura germânica, que é a comunidade do Lageado, isso sempre foi um fator que favoreceu várias suposições e imaginários em relação à nazistas e atrocidades do Holocausto, assim como à suposta passagem de Mengele na cidade de Mamborê. Essas suposições e teorias permaneceram na cidade de Mamborê, fazendo parte da história e do imaginário que existe acerca dos alemães da comunidade do Lageado.

⁹ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: [https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-epovoamento/alemaes.html#:~:text=Os%20primeiros%20imigrantes%20alem%C3%A3es%20chegaram,\(Rio%20Grande%20do%20Sul\).](https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-epovoamento/alemaes.html#:~:text=Os%20primeiros%20imigrantes%20alem%C3%A3es%20chegaram,(Rio%20Grande%20do%20Sul).)

Então não houve uma desconfiança quando esses migrantes vieram para Mamborê? Ou possíveis outros questionamentos como: O que pessoas que naquele momento representam o nazismo estão fazendo aqui? E da parte dos imigrantes, não houve receio de não serem aceitos em um local onde todos sabiam do “passado alemão”? A entrevistada Adenilda Santos, citada anteriormente, deixou bem claro que existia, sim, um receio dos alemães, assim como, por parte dos migrantes alemães, existia uma nova expectativa de vida.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a presença de alemães no Brasil teve início antes de 1824¹⁰, e na cidade de Mamborê, no Paraná, os migrantes começaram a surgir em 1930 (MORIGI; HAHN, 2015). A criação da cidade aconteceu no ano de 1961, de maneira oficial, mas já existiam habitantes na região:

A migração para Mamborê teve como característica marcante o encontro de diversas correntes migratórias, especialmente a partir da década de 1930. Mesmo assim, no entanto, as comunidades foram criadas conforme os seus núcleos iniciais de migração de cada determinada região. (...) Já a comunidade conhecida atualmente como Lagedado foi local de concentração de migrantes descendentes de alemães sulistas, provenientes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. (MORIGI, HAHN, 2015, p. 271)

Com base nas entrevistas, e também em historiografias, houve uma escassez de terras disponíveis nas “colônias velhas” do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, fazendo com que assim milhares de famílias de descendentes dos alemães migrassem para o Paraná, em busca de novas terras para plantio e desenvolvimento de uma comunidade. Essa busca foi para que eles, migrantes alemães, se tornassem os proprietários dessas terras.

Ao longo da pesquisa e das entrevistas com esses moradores, tanto da comunidade quanto da cidade de Mamborê, buscaremos entender como foi esse primeiro encontro, assim como os demais encontros, fazendo uma referência a todas as relações que foram sendo estabelecidas de ambos os lados: não houve desconfiança com um povo diferente e não conhecido anteriormente chegando nessa região? Não houve medo por serem migrantes de alemães? E o nazismo? Ambos os lados se aceitaram harmoniosamente de imediato? Mas e as terras que existiam na região, seriam deixadas e distribuídas para os “estrangeiros” alemães? Quem incentivou a ocupação dessas terras?

Para encontrar uma primeira conclusão para as questões levantadas acima, podemos citar a pesquisadora Rizzarda (2018), onde a mesma vem nos dizer sobre as questões relacionadas

¹⁰ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territoriobrasileiro-e-povoamento/alemaes.html>

aos incentivos e promessas realizadas para os migrantes virem e se fixaram em determinadas regiões do Paraná.

A colonização oficial do sudoeste do Paraná começou (...) defendia a manutenção e consolidação das fronteiras nacionais, para tanto estimulou o processo de ocupação e colonização das faixas de fronteira com países vizinhos. As medidas como doação de terras e o discurso da terra prometida, da riqueza fácil e da melhoria de vida atraíram um grande número de colonos, especialmente das áreas coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de pequenos proprietários e trabalhadores que vinham em busca de novas oportunidades. As bases legais para a organização dos Núcleos Coloniais foram fixadas pelo Decreto Lei nº 2.009, de 09 de fevereiro de 1940. O referido decreto definiu os núcleos coloniais como uma reunião de lotes medidos e demarcados, criados pela União, Estados, Municípios e por empresas particulares a fim de acolher agricultores, em pequenas propriedades rurais. (RIZZARDA, 2018, p. 99)

Houve, portanto, uma movimentação realizada pelo governo federal, onde foram incentivados migrantes europeus, principalmente alemães, a virem, chegarem e se fixarem no Paraná com promessas de um futuro melhor.

E resumidamente, o que quero é buscar entender como essas relações de vivências foram sendo estabelecidas, após esse primeiro contato, e o que não está sendo visto e mostrado nas obras já existentes sobre Mamborê.

Segundo Morigi, Bovo e Tows:

O município de Mamborê, visto na figura abaixo, situa-se na mesorregião centro ocidental paranaense, entre as Coordenadas de 24°19'10'' de Latitude Sul e 52°31'48'' de Longitude Oeste, alocado no Terceiro Planalto Paranaense ou Planalto de Guaruapuava. Conforme dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município de Mamborê possui uma área total de aproximadamente 782,904 km² e área urbana de 2.789,1 km². (MORIGI, BOVO, TOWS, 2012, p.4)

Assim como a geógrafa Galdino, Pazinato e a historiadora Maciel (2018) vêm nos dizer que o município de Mamborê está localizado na Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense, a 481 quilômetros de distância da capital do estado, Curitiba.



FIGURA 6: Mapa de localização da cidade de Mamborê no Paraná.

FONTE:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mambor%C3%AA#/media/Ficheiro:Parana_Municip_Mambore.svg

AUTORIA: desconhecida.

Ao todo, o município de Mamborê contém 17 (dezesete) espaços para além da cidade, 16 deles conhecidos como comunidades e 1 (um) deles como patrimônio da cidade, sendo eles: Ranchinho, Canjarana, Vitor Mendes, Vila Rural, Água Grande, Pensamento, Sununun, *Lageado*, Água da Palmeira, Guajuvira, Gavião, Patrimônio Guarani, Araça, Colônia Adventista, Pranchinha, Clauri e Mutum.

Sendo a comunidade do Lageado o espaço da pesquisa, localizada na região sinalizada com a letra “I” no mapa a seguir:

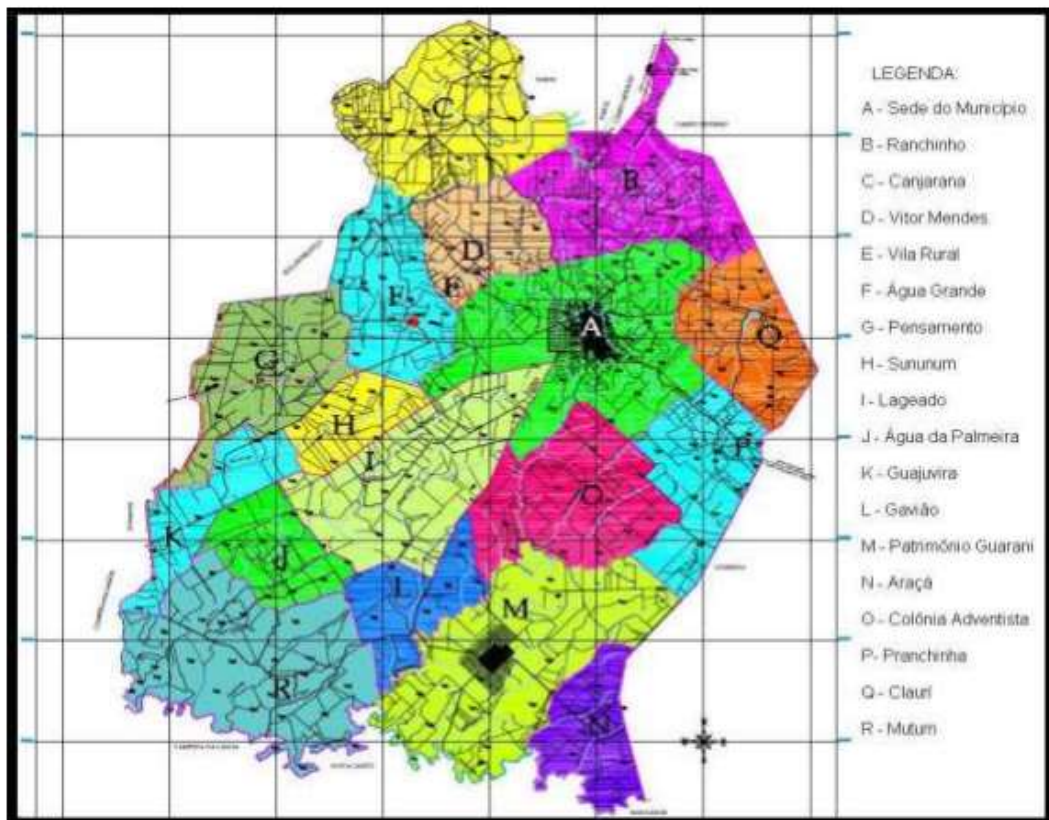


FIGURA 7: Mapa das comunidades da cidade de Mamborê.
 FONTE: Prefeitura Municipal de Mamborê, 2010.
 AUTORIA: adaptação de Hahn e Morigi.

Como já mencionado anteriormente, a presença de alemães no Brasil teve início antes de 1824, e, na cidade de Mamborê, no Paraná, os migrantes começaram a surgir em 1952, antes mesmo da criação da cidade, que aconteceu de maneira oficial somente no ano de 1961. Com base em Olipa (1998) e seus estudos no Departamento de Planejamento Municipal de Mamborê, a comunidade do Lageado, no ano de 1997 contava com 300 habitantes, não sabendo a quantidade total anterior a essa data.

Com base na memória falada, houve uma escassez de terras disponíveis nas “colônias velhas” - que eram os primeiros assentamentos onde viviam os migrantes europeus vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, fazendo, assim, com que milhares de famílias de descendentes dos alemães migrassem para o Paraná, em busca de novas terras para plantio e desenvolvimento de uma comunidade.

Segundo Piori *et al.* (2012), os alemães foram os primeiros imigrantes a chegarem ao Paraná, tendo uma longa história de imigração e migração no estado, que se estendeu desde as primeiras décadas do século XIX até meados do século XX. Principalmente durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, onde parcelas significativas dessa etnia se radicaram no Paraná.

Em relação à formação da comunidade do Lageado, segundo as fontes e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em notícia publicada no ano de 2017 - onde é feita análise e divulgados os dados sobre a colonização da região sul do Brasil - essa análise vai ao encontro da história e da memória falada dos migrantes que de início chegaram da Alemanha no Rio Grande do Sul. Posteriormente, sabendo das notícias de terras férteis mais acima, saíram em busca desse local, onde queriam ser os proprietários das terras, chegando, também, na região de Mamborê – PR, fixando-se e formando a comunidade. Além disso, o site divulga que um reflexo desse processo são as criações das Igrejas Luteranas, também existentes em Lageado.

Para além dos dados divulgados acima, também temos obras de historiadores que falam sobre esse processo, sendo uma delas, a obra do autor Gustavo Davi Garbozza (2008), intitulada “Colonização do Paraná”, que também fala dessa mesma motivação e noticia que percorreu as fronteiras, levando o assunto de que as terras do Paraná eram muito férteis para o plantio.

Por fim, também temos Mordado (2011), onde podemos observar mais uma comprovação da informação da vinda dos migrantes para a região do Paraná.

Mordado (2011) afirma que o Paraná teve uma dinâmica migratória em que se pode identificar uma expansão acelerada voltada à produção agrícola, que atraiu milhares de trabalhadores e seus familiares de outras partes do país, acarretando, simultaneamente, ocupação.

Essa expansão voltada para a produção agrícola fez com que os olhos se enchessem com o sonho de maiores conquistas econômicas e financeiras, fazendo com que grande parcela de migrantes viesse para essa região, que era vista e comentada como um local produtivo, fértil e abastado, e foi assim que aconteceu na região da cidade de Mamborê com os migrantes alemães.

2.1 AS LACUNAS NA HISTORIOGRAFIA EXISTENTE ACERCA DA COMUNIDADE DO LAGEADO

Quando usamos a palavra “lacuna” no subtítulo do texto não estamos querendo dizer ou submeter a pesquisa a somente a uma brecha, algo sem significado e importância, mas, sim, a usamos para demonstrar algo que está faltando na História de Mamborê e Lageado que ainda não foi escrito, não foi visto e nem lembrado. É uma das possíveis lacunas que faltam para acrescentar à história dos mamboreenses e lageadenses.

Na ocasião, falamos de forma específica sobre as produções escritas realizadas em específico sobre a cidade de Mamborê e, conseqüentemente, sobre suas comunidades. Temos poucas referências bibliográficas exatas sobre esse processo de formação. O que temos disponível, já foi dito anteriormente, são alguns autores que abordam a imigração para o Brasil, para

o Paraná e para algumas outras comunidades do estado, mas sobre Mamborê não temos grandes participações historiográficas, apenas o livro feito por Vilson Olipa, memorialista da cidade, intitulado “História de Mamborê”, de 1998, e uma revista comemorativa dos 55 anos da cidade, produzida pelo “Jornal Informativo”, empresa contratada pela Prefeitura do Município de Mamborê, devido ao aniversário da cidade, intitulada “A história de um povo, se resgata, se renova e se constrói” de 2015. A contratação da empresa foi uma escolha da prefeitura da cidade naquele momento para veicular as informações julgadas importantes para o momento, empresa essa que entregava seu material já impresso para os locais que a contratavam.

Além de a cidade e a sua população não terem mais estudos sobre sua formação, o que já existe continua não dando a devida atenção aos migrantes alemães e a influência que eles proporcionaram e continuam demonstrando para os demais cidadãos da cidade. Mas qual seria essa importância?

Quando falamos de não existir uma devida importância, isto está relacionado a falta de conhecimento da população em relação aos momentos que não são tão “bonitos” assim, ou seja, que são deixados de lado pelos memorialistas e, também, pela história que o município e os migrantes querem contar. Portanto, eu vou acrescentar uma outra leitura da história da cidade, levantando questões que, a meu ver, são pertinentes, baseadas em minhas percepções, vivências e outras leituras de outros lugares, em especial motivadas pela longa historiografia sobre os alemães no Sul e um discurso de harmonia.

Vamos então buscar ao longo da pesquisa responder a essas lacunas, a motivação da vinda dos migrantes é algo que está certo, vieram motivados pelas terras férteis, queriam ser donos e crescer economicamente, mas houve uma facilitação por parte da gestão do município para que os migrantes alemães conseguissem adquirir, por meio da lei, essas terras? Como ficaram as pessoas que já moravam aqui? Não se revoltaram com essa situação?

Pois, segundo Priori *et al.* (2012), na década de 1930, com o movimento denominado de “Marcha para o Oeste”, o governo brasileiro incentivou a migração para a ocupação de terras fronteiriças e do interior do país. Ou seja, em Mamborê houve esse incentivo?

O pesquisador Willems (1946) fez uma análise dos imigrantes alemães e descendentes no Brasil através de um conjunto de conceitos e noções da Antropologia, e ele diz que a imigração surgiu como uma possibilidade de classificação social, onde o Brasil, como um país mestiço, recebeu a possibilidade de caracterizar uma só identidade cultural e isso só seria possível através de conceitos como os de “assimilação” e “aculturação”. Sendo a aculturação o processo que ocorre no contato entre duas culturas diferentes que resulta em mudanças nessas culturas e a assimilação o processo no qual uma cultura absorve ou assimila a outra, podendo

ter o objetivo de eliminar características culturais de um grupo. Essas são questões que não são levadas em consideração ao longo dos títulos já existentes sobre esse movimento migratório alemão para Mamborê.

CAPÍTULO 3: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE DO LAGEADO.

A historiadora e antropóloga Giralda Seyferth (1996; 2002) expõe em suas obras que, nos locais em que houve participação dos imigrantes de origem germânica, houve processos de cristalização da identidade étnica teuto-brasileira e ancorada na especificidade cultural desses grupos, que foi compartilhada e tradicionalmente fixada por diversos meios.

Também é preciso ressaltar a necessidade de se fazer uma análise do passado, fazendo com que os leitores, assim como os moradores da cidade de Mamborê, possam ampliar a compreensão dos fatos históricos, contribuindo para o entendimento da história, assim como o processo de formação de uma identidade dessas pessoas. Isso será realizado levando em consideração as experiências sociais da comunidade, no tempo e no espaço, e também dando importância às maneiras como a comunidade constrói um sentido identitário para ela mesma, assim como os demais enxergam a identidade do próximo.

Os pesquisadores Poutignat e Streiff –Fenart (1998) vão nos dizer que esses costumes e comportamentos, que estiveram sempre presentes entre os imigrantes, são utilizados como identificadores de um grupo, são sinais que se manifestam e são apresentados pelo grupo de forma divulgada, como a utilização de determinado idioma, do vestuário e da arquitetura do local em que vivem, assim como o que diz respeito a valores fundamentais, como as percepções de moralidade atreladas a um grupo.

Assim, quando determinadas minorias deixam de viver em suas colônias e se percebem inseridas em um território estranho, se obrigam a se mobilizar coletivamente com as suas especificidades culturais sob objetivo de fazer parte do novo espaço e da nova vivência.

Dessa forma, a relação entre aqueles que chegaram e aqueles que já estavam, determinaram a criação de um grupo étnico, pois é na diferença que ele se molda e se contrasta com seu meio.

Agora, vamos expor algumas das fotografias a que pudemos ter acesso, a partir dos contatos estabelecidos com as famílias que fazem parte da comunidade do Lageado, em encontros marcados após conversas, via whatsapp ou redes sociais, e realizados de forma presencial. Foram usadas essas duas formas de contato, visando a facilidade na troca de informações com base na agilidade e na comodidade. Então ficou muito mais fácil conversar e marcar encontros com os moradores usando o whatsapp, assim eles já me retornavam o contato e íamos combinando futuras reuniões e encontros.

Como já conhecia e sabia quais eram os moradores do local, o primeiro contato se tornou fácil e bem receptivo, assim como dos moradores da cidade de Mamborê.

Esse capítulo será dividido em subtítulos, onde cada um deles abordará um espaço tradicional e significativo para moradores da comunidade do Lageado e da cidade de Mamborê, em conjunto com suas lembranças e memórias.

3.1 IGREJAS E A RELIGIÃO

Ao longo desse subcapítulo, abordaremos em específico questões relacionadas à religião, a Igreja Luterana e diferentes visões, percepções e lembranças desse momento.

Na imagem a seguir, conseguimos ver os migrantes alemães, juntamente com o Pastor Volkamer, e podemos observar como a comunidade já era formada por uma quantidade considerável de migrantes alemães.



FIGURA 8: Reunião na Igreja Luterana.

FONTE: Acervo pessoal da família Kopper.

AUTORIA: desconhecida.

A partir dos esforços da comunidade, a Igreja Luterana foi construída, isso se deu a partir da união dos moradores da comunidade, que fizeram doações de materiais e usaram de sua própria mão de obra para realizar a construção.

Em um primeiro momento, quando observamos e voltamos os olhares para a história da comunidade do Lageado, encontrei no livro de Olipa (1998), o registro escrito de apenas uma Igreja, que foi se alterando e passando pelo processo de modernização

Mas, em conversa e entrevista com a senhora Dirce Müller e seu filho Cláudio Müller, ainda moradores da comunidade, a primeira igreja na verdade não esteve sempre no mesmo local, antes esteve construída próxima a sua residência, onde os mesmos contam que o pai de Dirce Müller ajudou em todo o processo, segundo o relato da mesma. E que só depois, quando

a comunidade começou a crescer, que o local da igreja se altera, como diz o relato de Dirce Müller logo abaixo:

A primeira Igreja não era ali, onde é hoje, era aqui perto de casa, meu pai que ajudou na construção, ele, meu vô e mais uns parentes que fizeram toda a primeira Igreja

Na imagem a seguir, temos uma fotografia dessa primeira igreja, da qual a entrevistada se recorda:



FIGURA 9: Primeira Igreja Luterana da Comunidade do Lageado.
FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia.
AUTORIA: desconhecida.

O autor Coe (2007) vem nos dizer que as igrejas serviam como lugares para sepultar pessoas, assim como os cemitérios, que ficavam ao lado das Igrejas, mas, devido a novas normas sanitárias que iam surgindo, o cemitério mais retirado, mais distante da Igreja, se torna um local mais adequado. Portanto, ao lado da primeira Igreja Luterana ficava o cemitério da comunidade, que hoje fica só, ao lado das plantações:



FIGURA 10: Primeiro cemitério da comunidade do Lageado.

FONTE: da própria autora.

AUTORIA: da própria autora.



FIGURA 11: A solidão em um local deixado de lado.

FONTE: da própria autora.

AUTORIA: da própria autora.

Agora, nas próximas imagens temos fotografias que foram disponibilizadas pela família Kopper em que podemos observar a igreja onde atualmente ela está localizada e as suas mudanças estéticas:



FIGURA 12: Segunda Igreja Luterana da Comunidade do Lageado.
FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia.
AUTORIA: desconhecida



FIGURA 13: Igreja Luterana da Comunidade do Lageado com mudanças estéticas
FONTE: Acervo pessoal da família Kopper.
AUTORIA: desconhecida

Nessas duas últimas imagens, já é possível observar como a igreja foi sofrendo mudanças em sua estética para poder abrigar maior quantidade de seguidores, mas também seguindo o que era tido como necessário para o funcionamento de uma igreja, uma torre com o sino.

Logo abaixo, um registro de como a Igreja Luterana da comunidade do Lageado está nos dias atuais:



FIGURA 14: Igreja Luterana nos dias atuais.
 FONTE: acervo de Eliza Roselene Kopper Savariz.
 AUTORIA: desconhecida.

Priori *et al.* (2012) afirma que:

Os alemães tiveram longa história de imigração no Paraná, que se estendeu desde as primeiras décadas do século XIX, até meados do século XX. Durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial parcelas significativas dessa etnia se radicaram no Paraná. Os alemães trouxeram consigo suas atividades tradicionais (agricultura, olaria, marcenaria e carpintaria) e com isso ajudaram no desenvolvimento das cidades, sobretudo no comércio e indústria. (PRIORI *et al.*, 2012, p.40)

Portanto, os alemães trouxeram consigo as suas atividades que eram tradicionais: religião, igreja, agricultura, olaria, marcenaria e carpintaria, como também aconteceu no território mamboreense e, com isso, eles proporcionaram e ajudaram em um desenvolvimento da cidade de Mamborê, gerando uma primeira visão de comércio e de indústria, que será abordado a seguir.

Voltando a falar, em específico, da Igreja e da religião. Em comentário na página da rede social Facebook sobre a figura 12, tivemos vários comentários, e os que mais me chamam

a atenção foram os de Martim Germendorff, que comentou: *Lembranças boas demais. Fui batizado e confirmado nesta igreja. Eliane Kopper Toda infância vivida ali, muito bom e Eliza Kopper Savariz Lembranças muito boas desta época, do grupo do Culto Infantil, depois grupo de jovens, época em que apresentávamos muitos teatros...saudades!!!*. Podemos observar, após esses comentários, que a Igreja servia não só para a realização de encontros religiosos, mas também como um local de encontro de crianças, jovens e adultos, um local de troca de amizades. Os comentários acima citados vieram de migrantes de alemães que viveram na região.

Porém, o que os migrantes alemães não falam em nenhum momento é que não existia somente essa igreja na comunidade do Lageado, mas também existia a capela que representava a Igreja Católica da cidade de Mamborê, visto que não viviam somente luteranos na comunidade, mas sim pessoas que tinham outras religiões.

Podemos observar na imagem logo abaixo, como só há negros e mestiços, não é possível ver em nenhuma parte dessa fotografia um migrante alemão, branco e de olhos claros, então é perceptível como também houve uma separação de moradores da comunidade, até na religião.

Se só podemos ver negros e mestiços, também conseguimos entender e perceber que se sentiam representados em sua totalidade, na Igreja Católica, onde todos frequentavam.



FIGURA 15: Igreja Católica na comunidade do Lageado
FONTE: Acervo do TR Notícias.
AUTORIA: desconhecida.

Em entrevista com Adenilda Santos, Luiza Santos e Osmar Santos, todos irmãos, com descendência, do lado da mãe, polonesa e alemã, e do pai, descendência indígena e africana, descobri que toda versão tem dois lados.

Logo abaixo, fotografia de como a Igreja Católica da comunidade do Lageado está atualmente. Ela conta com a ajuda de seus fiéis e com o dízimo que é destinado da matriz da cidade de Mamborê para arcar com suas manutenções e reformas:



FIGURA 16: Igreja Católica atualmente em Lageado.
 FONTE: acervo pessoal da pesquisadora.
 AUTORIA: da pesquisadora.

A família Santos veio da região do Rio Grande do Sul quando um parente do lado materno disse que ali haveria terras e poderiam melhorar de vida, mas que não imaginavam que iriam sofrer tanto.

Formada por seis (6) irmãos, três (3) deles puxaram as características físicas do pai e três (3) puxaram as características físicas da mãe, e diziam ser tratados de forma diferente por não estarem dentro dos moldes dos migrantes europeus.

A entrevistada Adenilda Santos diz o seguinte:

Lá no Lageado, quando a gente morava lá, tinha mais de uma Igreja, tinha a dos alemão e a nossa, cada um frequentava a sua Igreja, minha família ia na Igreja Católica porque é a nossa religião, mas se precisasse ir na Igreja dos Luteranos, eles não viam problema nisso, não falavam nada, mas a gente percebia que as coisas eram diferentes e acabava ficando na nossa mesmo

Ou seja, não existia apenas uma igreja na comunidade do Lageado, existiam Igrejas que faziam parte de outras religiões, mas, quando se trata da comunidade, do espaço, se fala e se

retrata apenas uma só, como se o restante, aquilo que também existiu, pudesse ser deixado de lado, por não ser considerado tradicional para os migrantes.

3.2 A ECONOMIA DO LAGEADO: TAFONA, SERRARIA E FAZENDAS.

Agora, de forma mais específica, vou abordar um pouco sobre a economia gerada e criada pelos migrantes alemães, o processo de formação de suas fábricas.

Na próxima fotografia, vamos observar esses espaços que faziam parte da economia da comunidade. Na comunidade do Lageado, tivemos a consolidação das fábricas de produção de farinha de mandioca, as chamadas tafonas, e as serrarias, onde faziam a derrubada das árvores que existiam no mesmo local, depois faziam o tratamento e a venda das madeiras para a construção de moradias.

Uma parcela dos migrantes do Lageado se dedicou a essas produções e também gerou empregos para moradores da cidade de Mamborê. Outros moradores, tanto da comunidade do Lageado, assim como da cidade de Mamborê, trabalhavam nas lavouras e granjas.

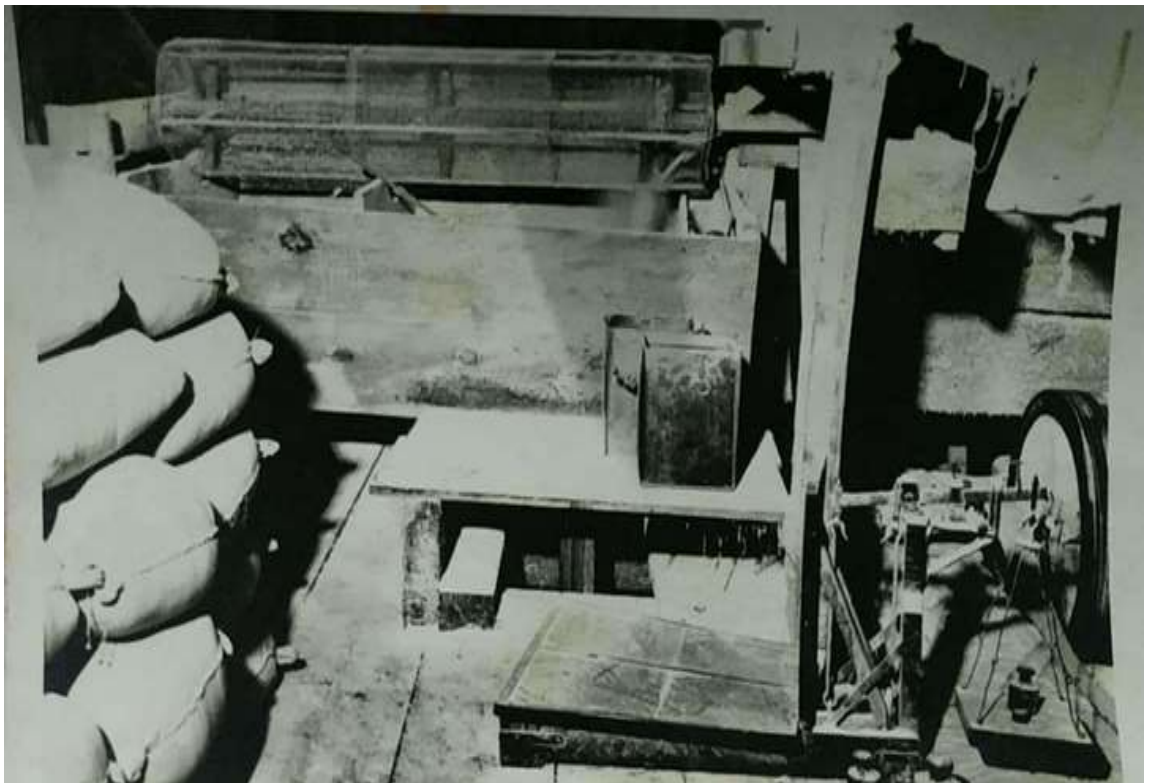


FIGURA 17: Tafonas (Fábricas de farinha de mandioca).
FONTE: Acervo pessoal da família Kopper.
AUTORIA desconhecida



FIGURA 18: Caminhão transportando madeira extraída pelos trabalhadores da serraria.¹¹

FONTE: acervo pessoal da Família Kopper.

AUTORIA: desconhecida.

Eliza Kopper Savariz comentou na publicação sobre as fábricas o seguinte: *Eu não lembro dessa época, lembro só da turbina que ficou no meio da mata e da vala que captava água do rio.* A partir disso, pude entender que as máquinas funcionavam a partir da força motriz que a água dos rios fornecia, portanto todas as fábricas precisaram ser construídas próximas a um rio, no caso da comunidade do Lageado o rio escolhido foi o Sununun.

A entrevistada Adenilda Santos disse em sua entrevista que trabalhavam nessas fábricas somente as famílias de origem alemã. Sua família - que veio do Rio Grande do Sul e ficou alojada na casa de um tio até conseguirem adquirir um espaço para eles mesmos - trabalhavam nas grandes fazendas desses mesmos migrantes, cuidando dos animais e das plantações.

Segundo Olipa (1998), a vila Mamburê¹² (sic) apresentou um crescimento econômico muito lento, sendo impulsionada pelo ciclo da madeira. A região era rica em pinheiros nativos e, num determinado período, chegou a contar com trinta serrarias em funcionamento, o que contribuiu com a economia local.

Podemos identificar que não era somente a serraria da comunidade do Lageado que existia na localidade. Na cidade, ainda vila naquele momento, já existiam outras 29 serrarias,

¹¹ Segundo o senhor Otto Kopper, sócio e trabalhador de uma das serrarias, essa fotografia registra a maior árvore derrubada e tratada por eles, de 1 metro e 70 centímetros de diâmetro.

¹² Um dos primeiros nomes da cidade, que foram se alterando até chegar em Mamborê.

essas, sim, responsáveis por destinar emprego aos moradores da cidade de Mamborê, diferente da serraria da comunidade, que visava emprego somente para os seus.

Segundo Tubino (2022), esse processo de imigração foi impulsionado por uma corrente chamada de “imigração planejada”, pois tudo foi feito com um objetivo, começando com um incentivo vindo da família imperial brasileira, D. Pedro I, e passando para D. Pedro II. A autora afirma que os imperadores estavam cientes das vantagens que os alemães trariam para o Brasil.

Mas que vantagens seriam essas? Impulsionar o branqueamento da população brasileira? Fazer e gerar uma economia que só funcionava para os seus próprios?

Segundo o pesquisador Lima (2020), em 1911 o Brasil começou a pensar, questionar e promover, de início de forma lenta, mas depois uma massiva imigração de alemães, italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, lituanos e ucranianos a fim de embranquecer a população e deu aos imigrantes europeus oportunidades econômicas que não deu a negros brasileiros. A entrevistada Adenilda Santos também diz isso em sua entrevista: *Dependendo a cor de quem vinha pra cá, conseguia terra sim, na hora, muito rápido, a gente continuou morando com nosso tio, porque pra gente conseguir terra demorou, a gente comprou, os outros ganhavam.*

Quando ainda questionada sobre a questão da aquisição de terras, a entrevistada Adenilda Santos, narrou o seguinte:

As pessoas que tinham estudo, iam até Curitiba requerer a terra em que estavam morando lá no Lageado, meu pai não tinha estudo e nenhum alemão quis ajudar, depois de um tempo nós perdemos a terra onde morávamos, pois um alemão que tinha instrução foi até Curitiba e conseguiu a terra por meio dos documentos (...) Eles não negavam serviço para os negros, mas eles não ajudavam os negros a terem uma terra e uma propriedade

Os migrantes alemães da comunidade são a personificação do que o governo imperial queria e propôs e, para isso, eles receberam incentivos fiscais e econômicos para se fixarem na região, eles estavam aqui para um propósito, o de ajudar e participar da cultura de branqueamento da população, que poderá também ser vista nos próximos relatos.

Em relação ao conceito da “cultura do branqueamento”, ele se refere a um conjunto de crenças, práticas e normas sociais que valorizam a ascendência europeia ou branca, muitas vezes em detrimento de outras raças ou etnias. Essa cultura está ligada ao racismo e à discriminação racial, e historicamente tem sido usada para promover a ideia de que a “branquitude” é superior e mais desejável do que outras identidades raciais ou étnicas.

O pesquisador Domingues (2002) vem nos dizer que a cultura do branqueamento tem sido predominante em muitas sociedades ao longo da história, especialmente aquelas com históricos de colonização, escravidão e exploração racial. A cultura do branqueamento tende a

valorizar a pele clara como um padrão de beleza e status social, associando-a a traços de refinamento, inteligência e superioridade. Por fim, a cultura do branqueamento muitas vezes incentiva a assimilação cultural e a mestiçagem com a intenção de "clarear" a população ao longo do tempo.

A cultura do branqueamento não é apenas uma questão histórica; suas ramificações persistem em muitas sociedades até hoje. Reconhecer e compreender essa cultura é fundamental.

E quando questionamos os entrevistados irmãos Lopes se existiam no Lageado mais pessoas negras, de descendência indígena ou africanas, ambos responderam que *sim* e quando levantada a questão: Onde foram parar essas pessoas? Por que hoje não moram negros no Lageado, se naquele momento existiam? Ambos disseram em sua conversa que a vida era difícil para quem era diferente dos alemães, por várias questões.

Algumas questões relacionadas a essas dificuldades, segundo os entrevistados, eram: eles não conseguiam terras documentadas - portanto, só podiam trabalhar como empregados, nunca tendo suas próprias aquisições - não podiam participar dos eventos da comunidade, que logo serão comentados.

Em seu relato, os irmãos disseram: *Quem era diferente foi indo embora, em busca de uma nova vida, não queria viver assim pra sempre né?, nosso pai também decidiu ir embora.*

Sobre a política de ocupação de terras no Estado do Paraná, posso dizer que:

Com a instituição da Lei de Terras em 1850, que se tornou um marco na legislação de terras no Brasil, a ocupação de terras devolutas e o acesso à propriedade da terra foram estabelecidos exclusivamente pela compra. (...) O governo do Estado editou, em 11 de junho de 1907, o Decreto No. 218, estabelecendo as "Bases regulamentares para o serviço de colonização no Estado do Paraná", enfatizando a questão da formação dos núcleos coloniais fundados por particulares. (...) Esse tipo de colonização consistia "na criação de núcleos coloniais destinados a imigrantes estrangeiros". (PRIORI *et al*, 2012, p. 136)

Aqueles que conseguiram receber as terras oficializadas do governo focaram na abertura das matas para o plantio das mesmas, assim como o cuidado e venda de animais.

Na fotografia abaixo, podemos ver a família Appelt Anhaia, que focou na criação dos animais para venda da carne e uso próprio, assim como no plantio de milho.



FIGURA 19: Família Appelt Anhaia em sua propriedade localizada no Lageado.
FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia
AUTORIA desconhecida



FIGURA 20: Família Appelt Anhaia com suas criações de suínos localizada no Lageado.
FONTE: Acervo pessoal da família Appelt Anhaia.
AUTORIA: desconhecida.

Essas terras, que foram conseguidas e fornecidas a partir do apoio governamental, o qual estimulava e incentivava a criação de uma cidade e uma população mais “evoluída” - termo pejorativo que foi usado para se referir a uma suposta superioridade europeia em relação aos indígenas e africanos no Brasil, palavra preconceituosa e de extrema falta de respeito. Palavra “evoluída” que, na verdade, se refere a uma população branca e de elite que se sustentou com o trabalho dos negros que também vieram para Mamborê, com suas famílias que já haviam passado pelo processo de miscigenação e que vieram para a região movidos pela ideia de que aqui as coisas seriam melhores, mas se depararam com a realidade de que era melhor para aqueles que eram considerados “melhores” pelo governo brasileiro.

3.3 ESCOLAS RURAIS

Partindo, agora, para outra situação, além dos espaços já retratados acima, também existiam duas escolas rurais. Na próxima imagem, temos a escola Duque de Caixas e a professora Christa Germendorff, moradora e também antiga educadora da comunidade do Lageado, no momento cívico com seus alunos.

A imagem foi publicada na página do Facebook, com a seguinte legenda:

Vamos reviver memórias? Essa é uma fotografia do momento cívico de uma das escolas da comunidade do Lageado!! Vocês estudaram em alguma das escolas da comunidade? Foram professores? Se lembram do nome das escolas? Qual a sua lembrança desse local? Conte nos comentários!!!



FIGURA 21: Escola rural da comunidade do Lageado.
 FONTE: Arquivo pessoal da família Lopes de Paula
 AUTORIA desconhecida

Após o contato com os moradores da comunidade do Lageado, por meio de entrevistas, foi possível saber o nome dessas escolas: Duque de Caxias e Osvaldo Cruz, que eram divididas em níveis de escolarização. Acima a figura 20 é do nível infantil e a outra escola, de ensino fundamental e médio.

Alguns comentários na publicação no facebook mostram como a escola significava algo diferente para cada um. Diz Eliane Kopper

Eu estudei nessa escola Duque de Caxias, estou na foto, bons tempos onde tudo era levado muito a sério, principalmente respeito aos professores, minha professora minha irmã Christa, outra Loide Kruger e Onis Dorst. (Eliane, Loide e Onis: descendentes de migrantes alemães). Por outro lado, diz Osmar Santos, da família Santos:

Nesse tempo já tinha o tal do preconceito, como eu era criança não levava muito em conta, mas sentia na pele, nas brincadeiras de escola sempre escolhido por último ou não escolhido, pois éramos morenos ou negros, nessa foto estou de short na frente da foto.

São comentários de duas pessoas que viveram a mesma situação, inclusive estão na mesma foto. Osmar Santos é o garoto a frente na foto, em primeiro plano, isolado e deixado de lado pelos colegas. Pessoas que têm memórias diferentes sobre o mesmo acontecimento. Aqui

é possível ver que as ações não eram assim tão harmônicas e bonitas, existiam diferenças e preconceito por parte dos migrantes alemães para com aqueles que eram negros.

Logo abaixo, a atual situação da escola rural da comunidade do Lageado:



FIGURA 22: Escola rural abandonada.

FONTE: acervo da própria autora.

AUTORIA: da própria autora.



FIGURA 23: Escola rural abandonada.

FONTE: acervo da própria autora.

AUTORIA: da própria autora.

Romualdo Lang também comenta que: *Eu estudei nesta escola com o Mariano, a professora era Dalila ... quantas varas nas costas!!!*. É possível ver claramente, a partir dos comentários, como pessoas diferentes que frequentaram o mesmo espaço têm lembranças totalmente diferentes, a primeira dizendo que aquele momento, com aquelas regras que eram “levadas a sério”, eram muito melhores do que as que temos hoje, inclusive o respeito aos professores, mas, em contrapartida, temos um comentário que afirma que o mesmo que julga as regras naquele momento melhor compactuava com atitudes de preconceito, assim como com

professores que batiam em seus alunos, ou seja, é cada vez mais perceptível que a memória de cada um é diferente, sobre o mesmo espaço e período.

Voltando a conversa com um dos irmãos Santos, Osmar, foi questionado mais sobre a questão de “sentir na pele o preconceito” e, com isso, ele explicitou mais sobre essas questões, dizendo que, além de ser o último a ser escolhido nas brincadeiras de escola,

Eu tinha um amigo que era migrante de alemão, com ele não tinha problema, acho que quando a gente é criança não tem preconceito (...) mas quando eu ia chegando perto da casa dele, eu escutava a mãe dele dizendo “Lá vem o Schwarz dos Santos” acho que ela não imaginava que minha mãe era alemã e falava alemão, eu também sabia, e Schwarz é preto, ela me chamava de preto achando que eu não entendia

Então como podemos levar em consideração as histórias escritas sobre a cidade de Mamborê, e acreditar nelas, se elas não estão contemplando ambos os lados que viveram naquele local no mesmo momento e as mesmas situações?

Mais a frente, vou buscar entender como os registros das atividades da comunidade se tornaram tão importantes e como as práticas culturais se tornaram, de uma determinada maneira, criadas, pois é realizado um resgate da tipicidade, os migrantes buscam retomar a tradição e uma implementação aos novos adeptos da comunidade, levar para aqueles que são novos aquilo que é tradição aos migrantes.

Em *A Invenção das Tradições* (1990), os autores Eric Hobsbawm e Terence Ranger discutem o quanto determinadas práticas culturais que aparentemente são antigas, na verdade são bem recentes e “inventadas” para cumprir um papel de agregação social. Ou seja, o que parece “típico” na verdade é inventado, recente e colocado para cumprir funções bem definidas dentro de uma comunidade. Portanto, vou continuar buscando entender como a comunidade precisa de elementos para que se lhe agregue uma coesão social e que, de determinada maneira, “empurre para debaixo do tapete” aquilo que não é bem visto na atualidade.

Algumas questões já são perceptíveis, pois a comunidade, desde o início de sua formação, fundou a Igreja Luterana para continuar o compartilhamento da fé e o agregamento dela para os demais que estavam chegando no local, assim como a seus filhos, que fazem parte das novas gerações, para que aquilo que já existisse continuasse existindo.

Mas, também, temos outras situações bem específicas: criar e continuar com os “Bailes do Chopp”, eventos onde se reproduzem as comidas típicas, como a cuca, salame, maionese, mas não só isso, também temos a vestimenta se assemelhando com os trajes típicos da Alemanha, que ainda são usadas nesses eventos. Tudo isso faz com que a comunidade continue

carregando esse status de uma identidade alemã e, sendo assim, também reconhecida como comunidade alemã.

Porém, quando questionados sobre os eventos e as festas naquele momento de formação da comunidade, os entrevistados da família Lopes relataram o seguinte: *Não era todo mundo que participava não, a gente não era convidado e nem ia porque não se sentia bem e sentia que eles não queriam a gente lá.* Quando insistido na questão dessa não participação nas festas, Adenilda Santos disse: *Depois de um tempo a gente começou a ir nas festas também, mas ficavam dois grupos, de um lado branco do outro lado preto, branco só dançava com branco, preto só com preto.*

Vamos observando relatos, no Facebook e também nas entrevistas, que vão se diferenciando, uns partindo para a direção “tempos bons/boas lembranças” e outros para a direção de sentimentos de indiferença/lembranças não tão boas. Então como podemos ter relatos divergentes sobre o mesmo momento, mas uma só narrativa?

É cada vez mais perceptível a divisão dos grupos que faziam parte da comunidade do Lageado, e pude observar que havia essa divergência étnica, cultural e econômica. As suas tradições festivas e culturais só passaram a ser levadas para os outros quando esses tiveram a coragem de irem e ficarem juntos, mesmo sentindo em suas individualidades que não eram bem-vindos.

Mas por que não vemos isso em nenhum registro da comunidade do Lageado? Pois para os migrantes, ainda existe a necessidade de expor somente os floreios da história, os campos floridos e aromatizados, mas onde estão os espinhos das flores? Eles também são dignos de seu compartilhamento, pois a dor e a indiferença ao outro também é vivência.

Mais à frente, e com o passar do tempo e com mais pesquisa, busco, além de entender mais sobre essa vivência não tão harmônica, saber se não houve situações onde não só a população local assimilou hábitos dos migrantes alemães, mas se eles, enquanto considerados e conhecidos como “alemães”, também não assimilaram hábitos e costumes da população local – em uma espécie de misturas de culturas.

Assim como o autor Willems (1946), já citado anteriormente, vem nos dizer, essas diferentes pessoas, com suas diferentes culturas, passaram pelo processo de aculturação, pois eles fizeram e estabeleceram um contato com duas culturas e vivências diferentes e isso fez com que eles passassem por um processo natural de assimilar, de absorver e de viver com características diferentes, tornando e criando uma só cultura, modificada e alterada, mas não esquecendo de suas tradições.

CAPÍTULO 4: ROTA TURÍSTICA

Pensando a importância e valorização de culturas e identidades diferentes, assim como as vivências que aconteceram, sendo boas ou não, buscamos a elaboração de uma rota turística, fazendo com que as memórias, em seu plural, se mantenham vivas e ativas.

A definição de uma rota turística é o caminho ou o percurso que se destaca pelos seus atrativos para o desenvolvimento do turismo, gerando rentabilidade financeira para seus organizadores ou suas instituições. Essas rotas se destacam pelas suas características naturais ou por permitir o acesso a um patrimônio cultural ou histórico de importância. Portanto, é a via que está rodeada de lugares considerados, por alguma razão, valiosos. (MAIA; BAPTISTA 2011)

Segundo a autora Pozzer (s.d.), o turismo é considerado uma fonte de renda para os municípios e estados e pode se tornar um importante fator para o desenvolvimento das cidades por conta da qualidade de vida que proporciona para a população local, pois setores de passeios, hospedagem em geral, bares, restaurantes e comércio também se beneficiam. O turismo surge como alternativa na busca do desenvolvimento territorial, já que agrega benefícios de ordem social, econômica, ambiental e cultural.

Aqui, a nossa grande iniciativa é criar uma rota turística para passeio e visitação na comunidade do Lageado, pois, como já sabemos, os pontos turísticos são importantes para seus habitantes, visando a economia, desenvolvimento e relações. Essa rota turística é destinada aos moradores e ex-moradores da comunidade, assim como o público que está “fora” do espaço.

Além da comunidade ofertar todas as possibilidades de conhecer espaços como as tafo- nas, serrarias, igreja e clube, o local está situado em área rural, ou seja, podem-se aproveitar também os recursos naturais, como rios, lagos e cachoeiras, assim como as comidas que são tidas como típicas pelos migrantes alemães.

A comunidade do Lageado já realiza duas atividades que são consideradas festas típicas, uma delas acontece em abril, que é a chamada “Festa da Costela”, que, segundo contato e entrevista com uma antiga moradora da comunidade do Lageado, essa festa sempre aconteceu, desde a fundação do local, e nessa festa reúne-se grande quantidade de pessoas, não só de Mamborê, mas de toda a região.

As imagens abaixo são do ano de 2022 e, com elas, conseguimos ver a grande quantidade de pessoas que essa festa reúne, assim como é perceptível ser uma festa muito procurada, pois mesmo sendo em um local mais retirado, na área rural, as pessoas sempre estão presentes.



FIGURA 24: Festa da Costela - 2022.
FONTE: Acervo da Igreja Luterana da comunidade do Lageado.
AUTORIA: Desconhecida.



FIGURA 25: Festa da Costela - 2022.
FONTE: Acervo da Igreja Luterana da comunidade do Lageado.
AUTORIA: Desconhecida.



FIGURA 26: Festa da Costela - 2022.
FONTE: Acervo da Igreja Luterana da comunidade do Lageado.
AUTORIA: Desconhecida.

Nessa festa, existe a venda de alimentos, costela de boi, paleta de porco, arroz, maionese, salada, assim como venda da comida típica, as cucas de diversos sabores e opções.

A segunda das festas, acontece em novembro, um baile, chamado “Baile do Chopp”, onde também reúne-se toda a região para prestigiar, e nesse evento é servido cucas, salames e chopp, aqueles que vão ganhar uma caneca de chopp e usam trajes típicos dos alemães, como podemos ver nas imagens a seguir. Ao todo, aconteceram doze (12) Bailes do Chopp:



FIGURA 27: Baile do Chopp de 2013.

FONTE: https://www.facebook.com/480021645362456/photos/pb.100067893111598.-22075200_00/809474189083865/?type=3

AUTORIA: Desconhecida.



FIGURA 28: Baile do Chopp de 2019.

FONTE: Acervo pessoal da entrevistada Eliza Roselene Kopper Savariz.
AUTORIA: Desconhecida.

Mas nesse momento, pensando em específico na rota turística e na história da comunidade do Lageado e de Mamborê.

Os locais que serão aproveitados para a rota turística serão aqueles onde a comunidade do Lageado e moradores da cidade de Mamborê estiveram presentes em seu processo de formação, assim como as comidas típicas, mas nada impede que em um possível e breve futuro, os recursos naturais sejam aproveitadas e a rota seja reinventada.

A primeira ideia foi a de criar um roteiro de visita com o nome “Vivências teuto – brasileiras na comunidade do Lageado em Mamborê – PR”. E nesse roteiro colocar, num primeiro momento, os seguintes locais: Igreja Luterana, Clube 7 de setembro (antigo), Tafonas (Fábricas de farinha de mandioca), Serrarias e suas máquinas, almoço no atual clube com as comidas típicas da comunidade e, após, poderiam ser realizadas apresentações culturais com feira de artesanato e de alimentos. Levando em consideração e objetivo que as pessoas que estarão visitando também percebam que é uma viagem de conhecimento e não só entretenimento.

Sendo importante que o guia saiba e relate aos turistas ao longo dos trajetos, sobre a história da comunidade, podendo ser elaborada uma formação para esses guias, uma breve cartilha de conhecimento, levando em consideração que houve uma construção de importância daquele lugar e que as relações nem sempre foram pacíficas.

O guia então é responsável por não só mostrar esses locais citados acima, mas dizer e relatar o processo tendo conhecimento acerca da história da comunidade do Lageado. Pensando futuramente, esse guia pode vir a ser alguém da comunidade ou mesmo da cidade de Mamborê.

A seguir são imagens de como está o antigo Clube 7 de setembro, com fotos feitas pela própria pesquisadora, espaço esse que foi deixado de lado, quando outro clube foi construído atrás da Igreja, sendo esse clube um dos locais que deverá ser visitado durante a rota turística.¹³

¹³ No contexto da pesquisa e da elaboração da rota, eu, enquanto pesquisadora, realizei as fotografias para expor como os lugares estão nos dias atuais, a sua realidade.



FIGURA 29: O atual Clube 7 de setembro abandonado
FONTE: acervo da própria autora
AUTORIA: da própria autora



FIGURA 30: O atual Clube 7 de setembro, abandonado.
FONTE: acervo da própria autora.
AUTORIA: da própria autora.



FIGURA 31: O atual Clube 7 de setembro abandonado, imagem interna

FONTE: Acervo da própria autora

AUTORIA: Da própria autora

Para justificar mais ainda a importância de ter produzido as minhas próprias fotografias dos espaços citados acima, podemos falar dos pesquisadores Perinotto e Borges (2014), que nos afirmam a importância do registro fotográfico para um turismo e um conhecimento de espaços:

A imagem é uma das formas mais utilizadas pelo ser humano para adquirir conhecimento e uma das principais maneiras de produzi-las é através de um importante mecanismo denominado: fotografia. A fotografia, que desde o seu nascimento, tem se destacado e aperfeiçoado através das novas tecnologias, permite reviver a memória dos lugares, influencia a vida humana de tal forma que as imagens passam a ser idealizadas e vistas com um novo olhar. Neste sentido, vale destacar que, mediante às necessidades de interação entre as pessoas, os avanços e aprimoramentos tecnológicos ocasionaram a origem de ferramentas comunicacionais que complementam os canais distributivos mais tradicionais e facilitam o acesso e o processo de circulação de imagens e das informações de forma prática, rápida e eficiente. (PERINOTTO; BORGES; 2014, p.2)

Portanto, essas imagens foram extremamente importantes para a pesquisa, pois, a partir delas, conseguimos reviver memórias desses momentos e fazer com que essa lembrança chegasse em locais mais distantes.

As imagens do Clube 7 de setembro também foram publicadas na página do Facebook, e foram de todas as publicações aquelas em que mais aconteceram engajamentos de comentários e compartilhamentos. Dentre os mais interessantes, podemos destacar o de Marlene Goetz Wendt: *Meus pais sempre estavam presentes nos bailes do Lageado, e, eu também! desde o*

ventre da minha mãe, meus pais iam de caminhão!! aprendi dançar neste clube! Pena!! estar assim abandonado! Uma pena! mesmo!

Luiz Carlos Pereira disse: *fui algumas vezes, lembro de um de carnaval, tenho até fotos ... saudades. Não tinha ideia de que está abandonado.*”. Hermes Vieira: *Conheci o antigo clube, cuja pista de dança balançava conforme a música kkkk. Alguém sabe dizer o que tinha embaixo da pista? Molas? Pneus?, o que foi respondido por Pedrinho Nadir Mazzarino: Foi do nosso tempinho bom, só saudades, tempo que carneamos um carneiro, e em 43 minutos já tinha carne assada, grande abraço, companheiro véio, dancei muito nesse clube, não tenho certeza, mas parece que foram colocadas molas espirais.*

Em contrapartida a essas memórias que estabelecem somente relações de harmonia, também podemos encontrar outras, que é o caso do entrevistado Osmar Santos, que diz o seguinte: *Nesses lugares tinham muitas diferenças, os brancos gostavam de ir e iam mesmo, mas a gente que era moreno, ia só para passar raiva, porque olhavam torto e feio pra nós.*

Portanto, é importante que quem for guia do passeio seja responsável por essa rota turística, mostrando os dois lados, o da harmonia e o da desarmonia.

Podemos observar que, além dessas lembranças boas para com o clube, elas vêm junto com a tristeza de descobrir que hoje ele não funciona mais e está abandonado, assim como a mais triste de todas, pessoas que foram excluídas de participarem desses espaços por terem uma cor de pele diferente. São, no geral, comentários de pessoas que viviam em Mamborê e frequentavam o clube, mas que posteriormente se mudaram de cidade.

Portanto, a meu ver, o clube seria um dos locais mais valiosos de demonstração, indagação e relações para uma rota turística.

A próxima imagem foi uma primeira contextualização e visualização que fiz dos locais que seriam visitados pela rota turística:

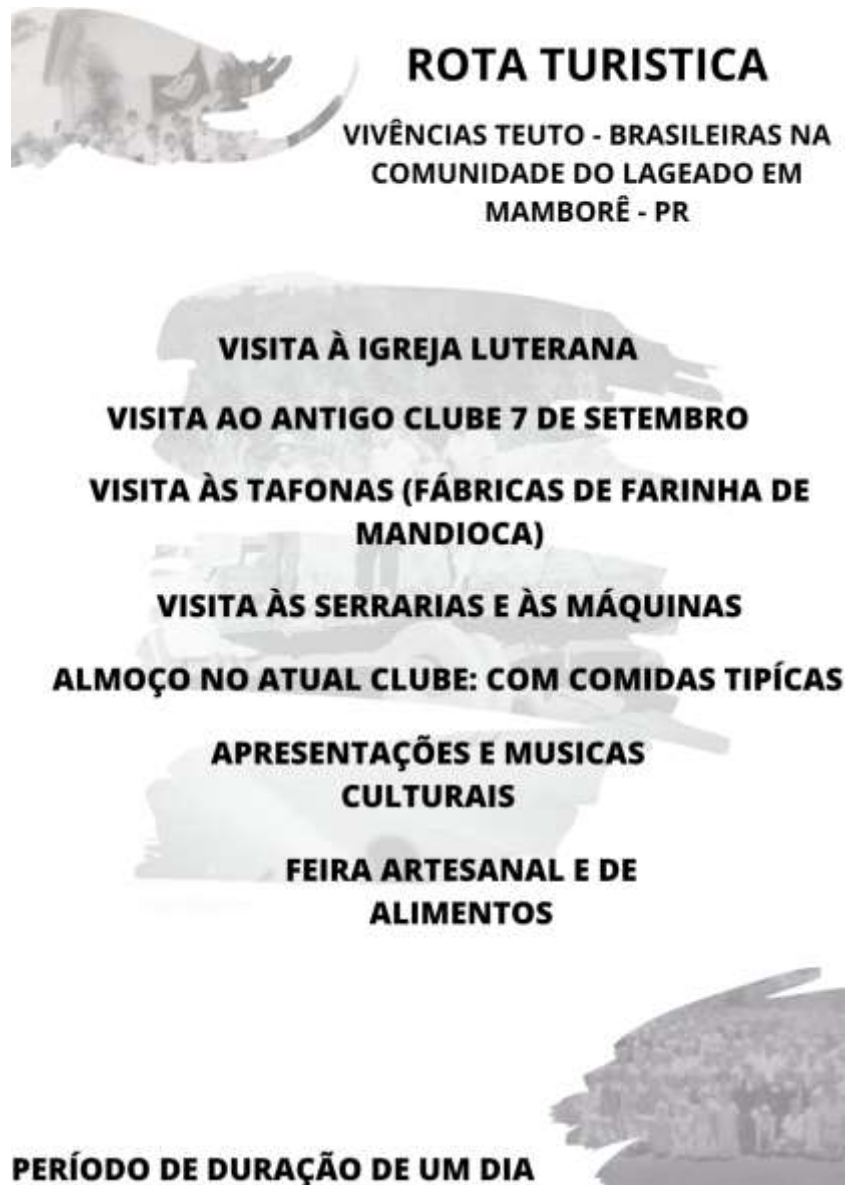


FIGURA 32¹⁴: Esboço de uma primeira ideia de rota turística.

FONTE: Acervo pessoal da Autora, segundo modelos do aplicativo CANVA

AUTORIA: Da própria autora.

Quando iniciada a pesquisa, pensamos na rota turística e esses pontos, em específico, e eles eram uma primeira ideia, já que outros pontos poderiam ser adicionados após maior investigação e conhecimento dos espaços, como as primeiras escolas rurais da comunidade, e foi justamente isso que aconteceu.

Nesse momento, a ideia também é a de tornar a rota turística como algo que se tornará e viabilizará um lucro para a cidade de Mamborê, ou seja, buscar apoio e tramitação junto à prefeitura ou, até mesmo privatizada para terceiros. Estipulando quando a rota acontecerá,

¹⁴ Folder, ou flyer, produzido no aplicativo Canva, que mostra de forma clara e sucinta os possíveis locais de visitação da rota turística na comunidade do Lageado.

frequência, qual será o guia, buscando verba com a cidade de Mamborê para que o lucro dos visitantes seja devolvido para a própria cidade.

Com a continuidade da pesquisa após um primeiro esboço, fixei a seguinte ideia: a construção de um folder que será digital e físico, disponibilizado para os futuros turistas.

Fiz isso com base no entendimento de que os folders, em geral - físico e digital - hoje são uma mídia fundamental e potencial na propagação e divulgação de uma determinada localidade, visto que, a partir deles se é apresentado o local com maiores informações, mediante os elementos verbais e visuais que proporcionam ao turista um contato prévio com produtos e destinos turísticos, parafraseando os autores Perinotto e Borges (2018).

É por meio da observância relacional que imagem fotográfica e turismo estabelecem que se destaca uma importante ferramenta comunicacional: os folders ou folhetos turísticos. Esta mídia que, além de ser mais acessível, veicula informações mais detalhadas e imagens acerca de um destino e/ou produto, o que impulsiona o fluxo e o consumo turístico. (PERINOTTO, BORGES, 2018, p.6)

Com a criação desse folder, que também se torna um meio digital - e que futuramente pode ser disponibilizado em uma rede social específica da rota turística - essa imagem possibilita um compartilhamento das informações adquiridas, antes mesmo de haver o deslocamento para o local da rota turística, devido ao contato visual prévio obtido por algum meio de contato como esse folder digital, ou seja através da internet e/ou rede social. Impulsionando assim, um interesse e fluxo do consumo dessa rota turística.

Dessa forma, o intuito de confeccionar esses materiais publicitários como os folders turísticos é influenciar os turistas no processo de decisão por uma viagem ou passeio, mas é importante ressaltar que para que isso aconteça é necessário o planejamento prévio, o que foi realizado nessa dissertação, como, por exemplo: conhecer a logística, o local, as pessoas, a história e as memórias.

Além disso, é válido acrescentar que, para se obter uma comunicação eficaz acerca da existência dessa rota turística, precisa-se saber como circular com a rota nas redes sociais e internet, por isso, também optamos por desenvolver a versão do folder online.

E para desenvolver essa rota turística em formato de folder físico e digital, com base nos pesquisadores Perinotto e Borges (2018), segui algumas técnicas e características essenciais para uma adequada confecção dos folhetos turísticos conforme os produtos e serviços que serão ofertados, buscando instigar e despertar o interesse do consumidor/turista, sendo assim, as características que foram seguidas são as seguintes: Folder deve atuar como embalagem desse

destinos turísticos, contendo no folheto todos os locais de visitação; Inclua informa o sobre os produtos turísticos (nome dos locais) e mostre imagens dos locais.

E com base nessas características, o folder da rota turística foi criado, ele consiste em três (3) folders: 1. Um folder físico que será distribuído aos turistas presentes no passeio, assim como podem ser distribuídos em pontos de venda da rota turística. 2. Esse mesmo folder físico tem em seu superior um *Quick Response Code* ou mais conhecido popularmente, um *QR Code*, onde, em um smartphone ou tablet, a pessoa que recebeu esse folder pode abrir a sua câmera, apontar para o código QR Code e ser encaminhada para o site onde está esse folder virtual. 3. O último momento desse folder é quando ele se encontra no formato virtual/digital, onde estará disponibilizado tanto em um caminho de comunica o, mas também em link, que pode ser postado e divulgado em várias redes sociais.

Agora farei a divulga o desses modelos de folder:

O link, a seguir, é o usado para ter acesso ao folder em versão virtual, podendo depois ser usado em futuras divulga es em redes sociais e sites: <https://eadgold.com/rtlageado/>. Esse link pode ser acessado via celular ou computador/notebook.

O folder físico, no digital, conta com o seguinte Qr Code:



FIGURA 33: QR Code de acesso à rota turística.

FONTE: acervo pessoal da autora.

AUTORIA: Fábio Alessandro Kienen e Tainá Lang da Silva.

E por fim, o último folder, que é o folder físico, que consta com o QR Code divulgado acima, em sua parte superior, em conjunto com o título da rota turística. Esse folder poderá ser disponibilizado para aqueles que estão fazendo o passeio naquele momento, assim como para aqueles que podem receber como divulga o em barracas de venda. Logo abaixo, segue a imagem do folder:

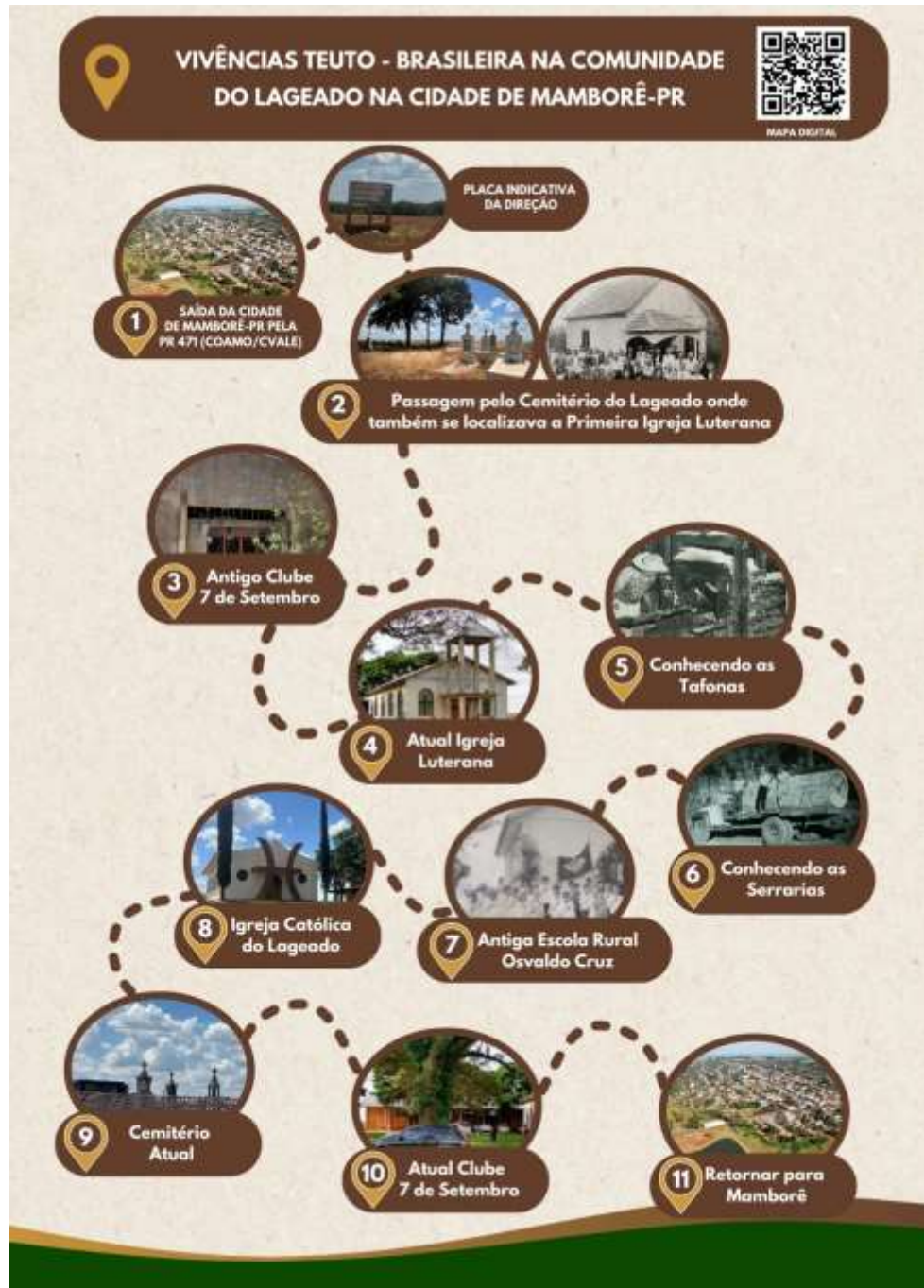


FIGURA 17: Folder da Rota Turística.

FONTE: Acervo pessoal da autora.

AUTORIA: Fábio Alessandro Kienen e Tainá Lang da Silva.

A rota turística teria duração de um dia, seguindo as indicações que estão no folder. Portanto, no *ponto 1*, sairíamos às 08h00 AM da cidade de Mamborê, em um ponto a ser combinado, podendo ser a Prefeitura da cidade de Mamborê, seguindo em uma viagem de 20 minutos. No folder é possível observar que existe um adendo, demonstrando a placa que indica o momento em que se deve virar à direita, em direção ao Lageado.

Após isso, chegando e parando no *ponto 2*, está a passagem pelo Cemitério da comunidade do Lageado, lugar onde também seria exposta a informação de que a primeira igreja da comunidade ficava nessa região. Mas seria informado que houve uma mudança de local, pois ficava distante para os fiéis chegarem até ela, assim como inicia-se o processo de mudança das igrejas. A partir deste momento histórico, as igrejas não deveriam ficar mais próximas ao cemitérios, com uma medida sanitária – e com isso os lageadenses optaram por fazer uma mudança de local da Igreja Luterana.

Seguindo para o *ponto 3*, que é o antigo Clube 7 de setembro, que se encontra atualmente abandonado, os turistas poderão entrar, ver as mudanças e o abandono do espaço, que ainda se encontra com peças que eram usadas para o lazer em seu interior. Em frente fica o *ponto 4* onde está a atual Igreja Luterana da comunidade do Lageado, seguindo, então, para os pontos 5 e 6, onde os visitantes teriam contato com as tafonas e serrarias e poderiam ver as antigas máquinas e equipamentos usados nas antigas fábricas e fazendas.

A partir disso, haveria o deslocamento para o *ponto 7* onde haveria o contato com a escola rural e como ela está hoje. Nos *pontos 8 e 9*, haveria o contato com a Igreja Católica da comunidade, que se mantém no mesmo local, desde a sua criação, seguindo para o atual cemitério da comunidade do Lageado, onde estão sepultados tanto católicos quanto luteranos.

No *ponto 10*, por fim, os passeantes chegariam ao final da rota turística, o atual clube 7 de setembro, em que seriam vendidas as comidas e roupas típicas da comunidade do Lageado, partindo de volta ao *ponto 11* no retorno para a cidade de Mamborê.

Não deixando de lado, uma questão importante e especial para a rota turística, que são as paradas para banheiro e possíveis lanches. Para isso, gostaria de deixar claro que ambos os espaços podem vir a fornecer banheiro público para esses visitantes, assim como os lanches podem ser realizados ao final da rota, no *ponto 10*, onde o clube está à disposição em uma parada para alimentação.

E, com isso, finalizo ideia e iniciativa da rota turística de *Vivências Teuto – Brasileiras na comunidade do Lageado na cidade de Mamborê – PR*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da comunidade do Lageado foi pouco relatada pelos memorialistas da cidade de Mamborê, tendo apenas duas obras com informações sobre o tamanho do território, localização, quantidade de habitantes e origem, informações essas que não abarcam todas as vivências e relações que a comunidade efetivou. Comunidade que, de certa forma, teve importância para o desenvolvimento econômico, de tradições e relações na cidade de Mamborê, havendo, portanto, a necessidade dessa dissertação, onde foram corporizadas histórias que não haviam sido vistas anteriormente.

As fontes escritas e relatos que existiam até o presente momento, sempre foram de harmonia e prosperidade, sendo que, em nenhum deles, foi narrado qualquer tipo de desavenças e discordâncias.

A partir do privilégio, que sempre tive, de possuir boas relações e contatos com os moradores, tanto da comunidade, quanto da cidade, foi possível contar com o apoio e a confiança dos mesmos para que pudessem ampliar a reflexão e as informações acerca da presente dissertação e seu conteúdo.

Mesmo com esse privilégio, não quer dizer que foi tão fácil assim, é difícil e pouco confortável ter de lidar com pessoas que não têm um livro publicado mas que têm memórias do passado. Em muitos momentos é uma aventura fazer as entrevistas, pois essas memórias não vêm de acordo com aquilo que o historiador precisa para sua pesquisa, mas, sim, de acordo com aquilo que o entrevistado julga ser importante e digno de compartilhamento. Então ter que traçar caminhos, perguntas e levantamentos que instiguem e encaminhem esse entrevistado para aquilo que de fato precisamos para compor a pesquisa, sem agir com falta de ética, respeito e educação, tornou-se um momento desafiador, mas que foi vencido e conquistado com o passar do desenvolvimento da pesquisa.

E é com isso, através das memórias das pessoas entrevistadas, as quais foram obtidas durante o período da presente pesquisa - assim como, de extrema importância, os comentários que foram realizadas na rede social Facebook - demonstrou-se como existiam divergências de relação e vivências dentro da comunidade do Lageado, principalmente no que diz respeito aos tratamentos diferenciados. A história que ficou da assimilação sem conflitos de imigrantes ao longo da história brasileira nem sempre é tão pacífica e condescendente como contam boa parte dos livros.

Com base em fotografias e entrevistas, pode – se verificar a motivação da vinda dos migrantes alemães para a cidade de Mamborê, a cristalização de uma identidade teuto –

brasileira, não só para eles, mas para os demais, aqueles que já viviam na região, os mamboereenses. É possível entender a cristalização dessa identidade com as socializações, e como elas se davam de diferentes maneiras entre diferentes pessoas e como as tradições continuaram sendo um motivo de permanência, não só na comunidade do Lageado, mas também na cidade de Mamborê.

Ao longo da pesquisa, foi importante relacionar o tema com diferentes fontes, como as fotografias que foram disponibilizadas por membros de antigas e atuais famílias da comunidade do Lageado, em conjunto com as entrevistas e comentários. As entrevistas realizadas foram de extrema importância para poder me trazer à tona a divergência em torno dessa vivência, assim como me trouxeram relações das próprias pessoas com o ambiente em que estavam inseridas naquele passado, sendo memórias boas e outras não tão boas assim, algumas até conflitantes. A página na rede social Facebook também foi de extrema importância, pois foi a partir dela que consegui relatos de pessoas que estiveram presentes na comunidade, sendo em festas, em visitas ou vivendo, de muito do que não tínhamos o conhecimento, mas com as fotografias publicadas na rede houve o compartilhamento, acesso e participação de uma grande quantidade de pessoas.

A História Pública foi nossa aliada principal, pois foi a partir dela que conseguimos traçar importantes reflexões para esta dissertação, foi com a ajuda da História Pública e com o entendimento da mesma que todos os contatos foram realizados de maneira respeitosa, levando sempre em consideração a valorização da memória do outro, das suas lembranças e de suas convivências com o espaço e o local da comunidade do Lageado.

Por fim, a partir do estreitamento de relações e contatos, da escuta de diferentes pontos de vista e memórias, concluí a presente pesquisa visando a elaboração de uma rota turística, contribuindo para que esse momento da história do município de Mamborê não ficasse apenas como números de território, de habitantes e de datas, mas que fossem valorizadas e colocadas em atividades todas aquelas vivências, as que não foram tão boas e aquelas que foram boas, levando em consideração a propagação das memórias dos locais, expondo e acrescentando aqui uma nova perspectiva de visão para moradores da cidade de Mamborê, em relação ao momento da instalação da comunidade do Lageado e as relações que ainda hoje existem entre Mamborê e Lageado.

Para finalizar, acredito que aqui descobri algo novo, sim, novas visões, perspectivas, memórias e outras histórias que foram relatadas no grande repositório oral de passados de vivências e memórias, mas a dissertação presente não deixa algo pronto e acabado, afinal, nenhuma história vem nesse formato, mas, sim, levanta novas e mais questões sobre Mamborê e Lageado, a qual devemos continuar estudando, conhecendo e pesquisando.

CAPÍTULO 5: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM. Orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2k2mb>
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Ed.Papirus,1998.
- BLOCH, March. **Apologia da história, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BUENO, André; CREMA, Everton; NETO, José Maria (Orgs.) Ensino de História e Diálogos Transversais. 1ª Ed. Rio de Janeiro; **Sobre Ontens/UERJ**, 2020.– 4 651pp.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública: uma breve bibliografia comentada**. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em 6 nov. 2017. Acesso: [16/01/2022].
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- COE, A. J. H. As epidemias e a morte: mudanças nas práticas de sepultamento em São Luís na segunda metade do século XIX (1854 – 1856). **Revista Outros Tempos**, Vol 4, p. 17-29, 2007.
- CORREIA, J.M.; GALDINO, S. J.; PAZINATTO, E. M. Considerações sobre as transformações da paisagem urbana de Mamborê-PR através de representações fotográficas. **Revista Percorso - NEMO Maringá**, v. 10, n. 1, p. 51- 66, 2018.
- CORREIA, Jocimara Maciel. **O falso Mengele em uma pequena cidade no interior do Paraná – (1955-2020)**. 85 f. Dissertação (Mestrado)– UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP). Campo Mourão. 2021.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DOMINGUES, P. J. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-asiáticos**, n.24, v.23, p.563–600, (2002). Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000300006> . Acesso em novembro de 2023.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios Paranaenses: origens e significados de seus nomes** – Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

GALDINO, Silvana de Jesus. CORREIA, Jocimara Maciel. As transformações do espaço urbano do município de Mamborê – PR. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v. 11, n. 8, dez. 2018.

GARBOZZA, Gustavo Davi. **Colonização do Paraná**. Produção Didático Pedagógica, PDE. Curitiba, [s.l.]. 2008.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. **Almanack**, n.17, p. 307-361, 2017.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, p. 9-17, 1990.

História de Mamborê – T&L. Disponível em: <https://trilhaelugares.com/conheca-um-pouco-da-historia-de-mambore/#:~:text=A%20coloniza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mambor%C3%AA%20teve>. Acesso em: 4 ago. 2023.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1990.

JORNAL INFORMATIVO. Rio Grande do Sul. **A história de um povo, se resgata, se renova e se constrói**. 2015.

KEAN, Hilda. **Pensando sobre pessoas e história pública**. Disponível em http://arts.brighton.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0005/68270/Chapter-1WorkingPapersJournal-by-Hilda-Kean-ISSN-20458304-.pdf. [s.d.] Acesso em novembro de 2023.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

LARA, Camila. B. Q. . A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. In: **XIII Encontro Regional de História - ANPUH/MS**, 2016, Coxim/MS. Anais Eletrônicos do XIII Encontro Regional de História - ANPUH/MS, 2016.

LEGISLAÇÃO E POLÍTICA FUNDIÁRIA NO ESTADO DO PARANÁ (1889-1945). [s.l: s.n.]. Disponível em <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Politica_Agraria/7PRIORILegislacaopoliticafundia-ria.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2023.

LIMA, Luís Correa. A Maldição e a Redenção de Cã: Escravidão Negra e Racismo no Brasil. **A Teo**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 66, p. 775-796 set./dez.2020

MAIA, Sara; BAPTISTA, M. As rotas como estratégia turística: percepção de benefícios e obstáculos na construção de rotas museológicas na região de Aveiro. **Book of Proceedings of the International Conference on Tourism & Management Studies**, v.1 p. 672-682, 2011.

MARIA, I.; DE OLIVEIRA, A. **A Ideologia do Branqueamento na Sociedade Brasileira Santo Antônio do Paraíso, Paraná** - Secretaria de Estado da Educação/Universidade Estadual

do Norte do Paraná 2008. Disponível em
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf>>.

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, p.73-98, 1996

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz. 2016.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **Métis: história e cultura**, Universidade de Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

MORDADO, Marcos Leandro. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.1, n. 28, p. 103 – 131, Jun 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982011000100006>

MORIGI, J. B. ; BOVO, M. C. ; TÖWS, Ricardo Luiz . Processos de formação socioespacial e de produção do espaço urbano de Mamborê (PR) Brasil. **GEO UERJ** (2007), v. 1, p. 223-243, 2012.

MORIGI, J. B.; HAHN, F. A. Colonização do Município de Mamborê-PR e a Formação do Espaço Urbano (1930-1940). **Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino - GEOMAE (Online)**, v. 02, p. 263-277, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/geomae/article/view/5759>

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios).

NEUMANN, R. Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil. **Revista História: Debates e Tendências**, n. 14, v.1, 94-107, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.5335/hdtv.14n.1.4168>

NOIRET, Serge. História pública digital. **Linc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

OLIPA, Vilson. **História de Mamborê**. (Mamborê, [s.l.]), 1998.

PERINOTTO, A. R. C. ; BORGES, D. M. . Folders turísticos e as suas imagens fotográficas de Parnaíba/PI. **TURYDES (Málaga)**, v. 7, p. 1-21, 2014.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Introdução ao estudo da história: temas e textos**. Porto Alegre: UFRGS, 2013

PORTELLI, A.; JANINE RIBEIRO, T. M. T.; RIBEIRO FENELÓN, R. T. D. Forma e Significação na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo**, v. 14, p. 7-29, 2012. Disponível em
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11231>. Acesso em 27 dez. 2023.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civittella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 1ª edição 1996. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 103-130.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

POZZER, Giovana. As Rotas Turísticas como estratégia de Desenvolvimento Territorial: Os arranjos Institucionais no Estado do Rio Grande do Sul. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. UFSM, s/d.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 1 – 32, set./dez. 2021.

PRIORI, Angelo *et al.* **História do Paraná** (Séculos XIX e XX). Maringá: Eduem, 2012. v. 1000. 234p

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

RAMBO, Arthur Blasio. A Identidade Teuto-Brasileira em Debate. **Estudos Ibero-Americanos**, v 25, n. 2, p. 185–196. 1999. Acesso em fevereiro de 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/25512>.

RAVESTEIN, Ernst. G. **As leis da migração**. In: MOURA, Hélio A. (Coord.). Migrações internas: textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, p.25-88, 722p. 1980.

REJOWSKI, Mirian.2002. **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo. Ed. Aleph

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araujo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Rev. Discursos UEL**, v. 12, p. 98-120, Londrina. 2016.

RIZZARDA, A. D. Um olhar valioso sobre a terra: Sudoeste do Paraná 1930-1940. **ÁGORA (UNISC. ONLINE)**, p. 94 – 101, 2018.

RUSCHMANN, Dóris.1997.**Turismo e Planejamento Sustentável**.11 ed. Ed. Papirus São Paulo.

SCORTEGAGNA, Adalberto; et all. **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005. 408p.

SEYFERTH, G. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 143-176, 2000.

SEYFERTH, G. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. Revista USP, São Paulo, v. 53, p. 117-149, 2002. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>

_____. **Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização**. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. Raça, ciência e sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 41-58. ISBN: 978-85-7541-517-7

_____. Etnicidade, Política e Ascensão Social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 61- 88. 1999.

SIKORA, Mafalda Ales. **As políticas de imigração no Brasil nos séculos XIX e XX e o desenvolvimento de territórios: estudo de caso da Colônia Dom Pedro II**. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Campo Largo. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Hathryn. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15^a.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. p.1-130, 2014.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

STECA e FLORES. Lucinéia Cunha, Mariléia Dias. **História do Paraná do século XVI à década de 1950**. 3^a ed. Londrina: UEL, 2002.

STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. 147 f. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2000.

_____. **O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX)**. 247 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós – Graduação em História. Florianópolis, SC. 2008.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TUBINO, Nina. **Caminho dos alemães no Brasil – Suas vidas, suas histórias**. Brasília: Trampolim, 2022.

Tudo o Que Você Precisa Saber sobre Mamborê - Paraná. Disponível em: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pr/mambore> Acesso em 4 ago. 2023.

VOIGHT. A. F. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. **Espaço Plural**, IX, n. 19, p.75-81, 2008.

VOIGT, André Fabiano. **A Invenção do Teuto-Brasileiro**. Florianópolis, 2008. 204 f. Tese (Doutoramento em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 75-81

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos emigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. Rio de Janeiro (RJ): Cia Ed. Nacional. 1946. Disponível em <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/336>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

ANEXOS

ANEXO A: PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES DA COMUNIDADE DO LAGEADO E DA CIDADE DE MAMBORÊ.

Não foram realizadas perguntas fechadas, a ideia foi ter uma base para ir elaborando uma conversa com os entrevistados, sempre respeitando o momento e o sentimento de cada um.

Essas perguntas norteadoras serviram para ir indicando e encaminhando os entrevistados para as questões abordadas dentro do contexto da pesquisa. A seguir, estão expostas as perguntas norteadoras:

- 1) *Inicialmente, contar um pouco sobre quem é você: Nome completo, idade, quando chegou ao Lageado e/ou Mamborê, como chegou e por que chegou.*
- 2) *Como era a vida no Lageado e/ou Mamborê: Quando chegou, foi bem recebido e aceito por quem já estava aqui e/ou quando eles chegaram o que foi pensado sobre eles?*
- 3) *Como foi a questão da oficialização das terras: essas terras foram compradas/adquiridas ou foram entregues a alguns?*
- 4) *Você enquanto morador de Mamborê e/ou Lageado em algum momento viu ou sentiu preconceito daqueles que eram diferentes de você?*
- 5) *As relações com o outro, como eram: Sempre foram boas ou vocês enfrentaram dificuldades nesses relacionamentos?*

ANEXO B: FOTOGRAFIAS E PUBLICAÇÕES NA REDE SOCIAL FACEBOOK.¹⁵

Aqui estão presentes as fotografias que foram expostas na rede social Facebook, intituladas como “Publicação X – número”, pois está de acordo com a ordem da postagem na rede social.



FIGURA 34: Publicação 2- Igreja Luterana.

FONTE: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=116700914477773&set=pcb.116701071144424>

e <https://www.facebook.com/photo/?fbid=116701021144429&set=pcb.116701071144424>

AUTORIA Desconhecida

¹⁵ As fotografias a seguir - algumas delas - estão sendo mostradas novamente neste texto, pois estão sinalizando e expondo todas as publicações realizadas na rede social Facebook, com base na ordem em que foram publicadas e divulgadas.



FIGURA 35: Publicação 3 - Escola rural em momento cívico.

FONTE: <https://www.facebook.com/memoriasdoLageado/photos/a.107727408708457/122823563865508>

AUTORIA desconhecida.

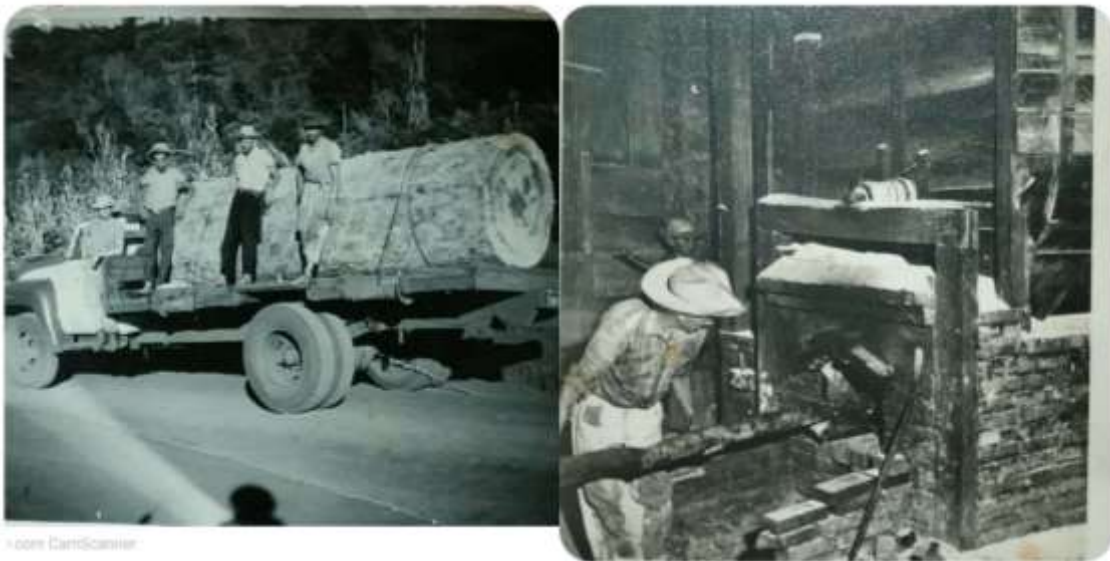


FIGURA 36: Publicação 4 - Tafona e Serraria.

FONTE: <https://www.facebook.com/photo?fbid=131407686340429&set=pcb.131407986340399> e <https://www.facebook.com/photo?fbid=131407719673759&set=pcb.131407986340399>

AUTORIA desconhecida



FIGURA 37: Publicação 5 - Clube 7 de setembro.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=140006125480585&set=pcb.140006318813899>
 e <https://www.facebook.com/photo?fbid=140006158813915&set=pcb.140006318813899>

AUTORIA da própria autora



FIGURA 38: Publicação 5 - Clube 7 de setembro.

FONTE: <https://www.facebook.com/photo?fbid=140006188813912&set=pcb.140006318813899> e
<https://www.facebook.com/photo?fbid=140006222147242&set=pcb.140006318813899>

AUTORIA: da própria autora.



FIGURA 39: Publicação 5 – Equipamento usado para boliche.

FONTE: [https://www.face-](https://www.facebook.com/photo?fbid=140006255480572&set=pcb.140006318813899)

[book.com/photo?fbid=140006255480572&set=pcb.140006318813899](https://www.facebook.com/photo?fbid=140006255480572&set=pcb.140006318813899)

AUTORIA: da própria autora.